CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS – DAM

APOSTILA CEIC

DOUTRINAÇÃO

Volume I

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00643

* Bibliografia: A Mediunidade Sem Lágrimas, Eliseu Rigonatti, página 68.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 249 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 286 a 287).

A DOUTRINAÇÃO

A doutrinação desempenha importante papel na cura das obsessões. Doutrinar é demonstrar ao Espírito obsessor o mal que está praticando, o nenhum proveito que está tendo com o seu péssimo modo de agir; é lembrá-lo da necessidade que há de reformar seu caráter à luz dos ensinamentos de Jesus, a fim de gozar de um pouco de felicidade.

Doutrinar é evangelizar. Para que um Espírito seja doutrinado é preciso que se comunique por meio de um médium falante; o doutrinador entabula conversa com ele e, durante a palestra, o exortará a se regenerar; estudará suas intenções e procurará desviá-lo de seus maus propósitos. É uma tarefa penosa, longa e fatigante. Raramente o obsessor resolve abandonar sua vítima logo, durante as primeiras sessões.

Não devemos desanimar. À força de ser envolvido pelos benéficos eflúvios da prece, auxiliado pelo seu anjo da guarda, reconhecendo o erro em que laborava, o Espírito obsessor acaba cedendo e, agradecido, se torna um dedicado amigo e colaborador. E a obsessão cessa.

Não julguemos, porém, que se não fossem doutrinados pelos encarnados os Espíritos inferiores deixariam de progredir. Há no mundo espiritual escolas onde todos aprendem a seguir o reto caminho e instrutores dedicados que guiam os Espíritos atrasados. Se o Senhor permite que haja a comunicação de Espíritos é para que sirvam de lições aos encarnados, a fim de que aprendam a evitar os erros que lhes acarretarão as funestas consequências observadas nos Espíritos sofredores.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00611

* Bibliografia: A Mediunidade Sem Lágrimas, Eliseu Rigonatti, página 69.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XXIII – Item 249 – Da Obsessão – Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 286)

QUALIDADES DE UM DOUTRINADOR

O doutrinador é a pessoa que doutrina. É o organizador da sessão e a ela preside. É também um médium do qual se servem os Espíritos educadores para ensinarem e corrigirem não só os desencarnados como também os encarnados. A responsabilidade de um doutrinador é grande; é para sua pessoa que convergem os olhares dos habitantes dos dois mundos: da Terra e do espaço; por isso qualquer falha em sua vida repercutirá infalivelmente nos trabalhos espirituais que realiza. Por conseguinte, terá de viver pura, reta e dignamente; cumprirá religiosamente com todos os seus deveres espirituais e materiais que sua condição de encarnado lhe impõe. Para falar com autoridade aos Espíritos obsessores, manter em respeito os perversos e brincalhões que povoam o espaço e merecer a assistência dos Espíritos que povoam o espaço e merecer a assistência dos Espíritos elevados, é preciso que o doutrinador seja possuidor de uma alta moralidade e de uma consciência tranquila. Só a moralidade lhe dará poder sobre os Espíritos maléficos e só por meio dela atrairá a si os Espíritos esclarecidos que lhe secundam os esforços.

O doutrinador não se descuidará de sua instrução, porque é um instrutor e, para ensinar, deve saber. Estudará carinhosamente as obras fundamentais do Espiritismo; analisará e observará tudo, para não ser enganado pelos Espíritos mistificadores; saberá inspirar confiança aos médiuns com os quais trabalha; que todos vejam nele o irmão seguro e capaz e se sintam amparados, fortificados, encorajados em sua companhia. Lutará tenazmente para que o Centro onde exerce sua ação seja foco irradiante de amor, de simpatia, de instrução e de caridade.

A esse respeito, ainda podemos seguir as instruções que o apóstolo Paulo dá a seu discípulo Tito. Leiamos, mudada em linguagem moderna, a célebre carta apostólica de Paulo a Tito:

- Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus, a Tito graça, misericórdia e paz.

Eu te deixei em Creta para que pusesses em boa ordem as coisas que ainda restam e de cidade em cidade estabelecesses diretores de Centros, conforme minhas instruções:

Aquele que for irrepreensível, casado, pai de filhos, que não possam ser acusados de dissolução nem desobedientes. Porque convém que o diretor do Centro seja de bom comportamento, como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao álcool, nem briguento, nem cobiçoso, nem jogador. Mas dado à hospitalidade, amigo do bem, moderado, justo, pacífico e temperante. Esforçando-se por viver de acordo com os ensinamentos do Evangelho, a fim de ter autoridade moral para ensinar os frequentadores do Centro, onde exerce seu ministério, a viverem sãos na fé, não dando ouvidos a fábulas nem a superstições que os desviam da verdade.

Tu falarás o que convém à sã doutrina. Os velhos que sejam sóbrios, graves prudentes, cheios de fé, de caridade e de paciência. As mulheres que sejam sérias no seu viver, não faladeiras nem intrigantes, mestras do bem, prudentes, que amem seus maridos e seus filhos, moderadas, castas, boas donas de casa, para que Deus seja glorificado nelas. Exorta do mesmo modo os moços a serem moderados, trabalhadores, honestos e estudiosos da doutrina.

Em tudo te dá por exemplo de bom comportamento. Na doutrina mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível para que ninguém tenha o que dizer contra nós. Exorta os empregados a que se sujeitem a seus patrões e que em tudo agradem, para que em tudo sejam ornamento da doutrina de Deus, nosso Criador. Porque a graça de Deus se há manifestação, ensinando-nos que, renunciando aos vícios e ao mau comportamento, vivamos sóbria, justa e piamente, aguardando a felicidade que nos foi prometida pelo Mestre no reino de nosso Pai.

Fala disto e exorta e repreende. Ninguém te despreze, Admoesta-os a que se sujeitem às leis da Terra, obedeçam aos governos e estejam preparados para toda boa obra. Que a ninguém infamem, nem sejam litigantes, mas modestos, mostrando toda mansidão para com todos os homens.

Fiel é a palavra e isto quero que afirmes; os que creem em Deus comportem-se bem, porque é proveitoso. Nunca entres em questões loucas, genealogias, contendas e em debates; porque são coisas inúteis e vãs.

Evita o homem obstinado no mal depois de uma e outra admoestação.

Saúdam-te todos os que estão comigo. Saúda tu os que nos amam na fé. A graça seja contigo. Assim seja.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00667

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 42.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XX – Item 227 – Influência Moral do Médium – Questões Diversas – Dissertação de um Espírito sobre a Influência Moral (Livro dos Médiuns, página 261).

POSTURAS: DESCONTROLE DO MÉDIUM (\*)

52. Quando o doutrinador perceber no médium, durante a comunicação, alguns exageros de expressão, tendências ao descontrole, como deverá proceder?

O doutrinador se desloca até próximo do médium e, caso o Espírito esteja a impulsioná-lo a falar muito alto, dirá: - “Não é necessário gritar”. Se o Espírito retrucar dizendo - “Eu vou fazer isto ou aquilo...”, o doutrinador contra-argumentará, e quando exceder dos limites apelará para o médium: - “Peço para reagir. Controle um pouco”. Isto porque o Espírito utiliza o estado de excitação nervosa do sensitivo e, a medida em que se comunica, vai apossando-se do seu sistema nervoso central, assim como do sistema simpático, provocando um mal-estar que vai tomando conta da aparelhagem mediúnica. Não havendo os cuidados necessários, poderá acontecer exacerbação de comportamentos culminando na quebra de utensílios existentes no recinto. Apelando-se para o médium, produz-se um choque capaz de alertá-lo, levando-o a se controlar e a controlar melhor o comunicante.

Quando o médium concentra-se mentalmente, há uma irradiação da aura. Com a aproximação do Espírito, o psiquismo deste mistura-se com a aura do sensitivo. À medida que a concentração se firma, funciona como um imã atraindo a limalha de ferro. Desta maneira, o Espírito mais adere ao médium, porém não entra no seu corpo. Imantando-se, a sua energia psíquica toma conta do sistema nervoso do sensitivo e provoca as reações automáticas, as contorções, as batidas de mesa, o desespero.

Deve ser ressaltado que durante a comunicação, o Espírito encarnado está sempre vigilante. Ele não sai para que o outro entre. Apenas se afasta um pouco, e neste interstício do perispírito é que se dá a comunicação.

Apelando-se para o médium, ele tem que reagir imediatamente, colaborando efetivamente para normalizar os excessos existentes.

O médium não deve esquecer-se que é passivo, não se molestando com as observações do doutrinador, que, por sua vez, pode e deve orientá-lo após a prática mediúnica, dizendo mais ou menos assim: - “Hoje, eu notei que as comunicações não foram muito seguras; notei umas tintas anímicas; dei-me conta que você estava muito intranquilo e não se concentrou com o aprimoramento habitual”. A seu turno, não cabe ao médium achar logo que se trata de uma censura.

Certa vez fui constrangido a ser rude: numa das nossas reuniões mediúnicas, determinada comunicação não foi satisfatória e eu, de forma natural, com muita delicadeza, disse ao médium, no final: – “Pareceu-me que hoje você não estava bem!”. Respondeu-me, o sensitivo, com um toque de grosseria: – “Por acaso você está achando que eu estava mistificando?”. Retruquei-lhe – “Estou. Não era minha intenção dizer isso, mas, em verdade foi uma mistificação, embora sem nenhuma intenção premeditada”.

A pessoa tomou um choque e então eu complementei: – “Pois é, ia conversar sobre o assunto com toda a gentileza. Por que razão você se referiu à mistificação? Isto comprova que no seu inconsciente você sabia não ser uma comunicação autêntica. Nunca obrigue ninguém a ser rude com você”. Na realidade não era uma comunicação mediúnica no sentido exato da palavra; não existia má fé, porque a pessoa não programara aquilo que fora dito.

Quando o médium, concentrado, sentir o estímulo, e ele próprio acelerar as ideias, isto não é uma comunicação, nem tampouco animismo, é uma mistificação do “ego” consciente. Por esta razão é que o doutrinador deve esperar um pouco para que o Espírito se acople e induza o médium a exteriorizar as sensações.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00668

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 43.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XX – Item 227 – Influência Moral do Médium – Questões Diversas – Dissertação de um Espírito sobre a Influência Moral (Livro dos Médiuns, página 261).

POSTURAS: O MÉDIUM DIANTE DO DOUTRINADOR EQUIVOCADO

53. Nos casos em que o doutrinador não conduza adequadamente o esclarecimento, criando embaraços para o médium, como este deverá se comportar?

O papel do médium no processo de intercâmbio espiritual deve ser, pura e simplesmente, de traço de união com o mundo das causas. Se a Entidade está emitindo uma onda de ideias de tal teor e o doutrinador está seguinte por uma estrada completamente diferente, o médium deve abster-se, quanto possível, de fazer qualquer tipo de julgamento a respeito do êxito do atendimento. A sua função é transmitir as sensações físicas e os pensamentos do Espírito enfermo.

Há muitos anos, numa prática mediúnica em nossa Casa, uma Entidade muito sofredora se comunicou por meu intermédio. Era o Espírito de uma senhora que havia desencarnado na ocasião do parto. Quando ela começou a sentir as cólicas da dilatação da bacia para expulsar o feto, veio a desencarnar inesperadamente. No instante em que o Espírito incorporou, comecei a sentir uma grande indisposição no estômago, acompanhada de mal-estar, falta de ar, enjoo. Quando o doutrinador começou a falar, deu-me uma vontade de sair dali correndo, tal a maneira despropositada com que era feita a doutrinação. Ao invés de utilizar os recursos do passe, da sugestão mental otimista para diminuir o estado de paroxismo em que se encontrava o Espírito, ele resolveu apenas dizer palavras sem nenhuma expressão socorrista. Encontrando-me ainda num semitranse comecei a pensar: – “Ah! Meu Deus, não vou aguentar!”. Finalmente a incorporação se consumou e eu perdi a consciência. Quando voltei ao normal sentia dores físicas atrozes que perduraram durante três dias.

Posteriormente, contei a alguém que teve doze filhos: – “Fulana, estou com uma dor aqui nos rins e nos quadris, horrível”. Ela retrucou: – “Divaldo, isto é dor de parto”.

Mais tarde, conversando com D. Yvonne Pereira, fui por ela informado que, quando ela estava psicografando MEMÓRIAS DE UM SUICIDA, era acoplada ao Espírito que se ia comunicar com dois dias de antecedência e passava mal. Depois da comunicação passava dois ou três dias com aquela carga fluídica negativa.

Por isso, a mediunidade é um ministério sagrado de amor. A Benfeitora Joanna de Ângelis já me disse: – “O médium que se desincumbe bem da sua tarefa realiza duas reencarnações em uma só”. Além de cidadão comum com seus conflitos, dramas, tarefas, é também o homem que vive, no sentido genérico, uma outra existência de abnegação, renúncia e sacrifício, em outra esfera. Vale a pena a pessoa dedicar-se integralmente à mediunidade com Jesus porque as alegrias são imensas.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00606

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 49.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XX – Item 227 – Influência Moral do Médium – Questões Diversas – Dissertação de um Espírito Sobre a Influência Moral (Livro dos Médiuns, página 257).

DEFICIÊNCIAS

63. O médium sofre algum dano físico, emocional ou espiritual quando a doutrinação não é adequada?

Sim. Nestes casos surge uma perturbação no seu sistema nervoso. Vamos exemplificar: um Espírito está dando uma comunicação; trata-se de uma ligação – digamos – eletrônica, no sentido mais transcendental. Como a aparelhagem do sensitivo é muito delicada, se a doutrinação não vai bem canalizada e o Espírito se irrita, ele consegue perturbar a harmonia nervosa do intermediário. Esta é uma das razões porque os Mentores espirituais, para manterem o equilíbrio da economia psíquica do médium, recomendam a aplicação de passes coletivos ao terminar a reunião, pois que, tenha havido dano, ou não, todos os presentes serão beneficiados.

No caso do médium adestrado, não existe o problema porque, ao final da reunião, incorpora-se o seu Mentor provocando o reajustamento das peças íntimas do tutelado. Mas, quando este não está adestrado e somente incorpora as Entidades sofredoras, ficam danos.

Outra ocorrência que deve ser desestimulada é a questão dos doutrinadores tocarem no médium no transcorrer da comunicação. Isto não só é inconveniente do ponto de vista estético como ético. Em sendo o sensitivo uma espécie de feixe nervoso excitado, o ato de pegá-lo promove nele uma irritação extremamente desagradável, terminando por danificar as suas aparelhagens mediúnica e nervosa. Em casos específicos, tocar no médium pode causar-lhe uma terrível dor de cabeça. Nunca se deve segurá-lo, pois não é a força física e sim a força vibratória do doutrinador que atua efetivamente para controlar os impulsos do Espírito, refletidos no comportamento individual. Sempre o silêncio, a meditação, a quietude, a emissão mental, conseguem mais êxito do que a luta física. Deve-se tomar os cuidados necessários para se evitar a todo custo o pugilato, caracterizado pelo arrojar-se do médium ao chão e sobre este os doutrinadores. Tudo isso está fora da ética recomendada pelos Mentores Espirituais. São lutas nervosas e não propriamente comportamentos mediúnicos.

No Livro o Céu e o Inferno encontram-se comunicações de Espíritos, que Allan Kardec anotou, as piores possíveis, em clima de calma. A grande maioria dessas comunicações foi feita por psicografia. Eram Entidades desencarnadas através de processos violentos como o assassínio e o suicídio, trazendo vibração de baixo teor, que nem sempre conseguiam escrever o que queriam, findando-se o fenômeno com os seguintes termos: - “Não posso mais. Não consigo escrever. Não consigo...”. No entanto, os médiuns não demonstravam gestos estertorados, nem tampouco atiravam-se ao chão esperneando. Tal não acontecia porque eram disciplinados mentalmente e, por conseguinte, educados mediunicamente.

Dessa forma, quando presenciamos certos espetáculos, com raras exceções, concluímos tratar-se, em grande parcela, de conivência do médium.

Certa vez, Chico Xavier recebeu uma comunicação de determinada Entidade na minha presença e o Espírito, muito meu conhecido pela sua perversidade, tomou de um lápis e colocou na boca do médium mineiro e começou a fumar, saindo fumaça como se fosse um cigarro. Começou a conversar comigo, agressivamente. Era, no entanto, uma agressividade sem gritaria. Modificou radicalmente a personalidade do médium, que passou a revelar-se uma pessoa agressiva e má, conversando com uma terrível carga de ódio, porém o sensitivo não apresentava nenhum estertor durante a comunicação.

Para efeito de esclarecimento, esses estertores quando existem são provenientes do aparelho nervoso do médium deseducado.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00673

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 58.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 249 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 286 a 287).

DOUTRINAÇÃO

64. Qual o requisito para ser um bom doutrinador e como se condizer no exercício dessa função?

Para alguém ser um bom doutrinador não basta ter boa vontade. Recordo-me que, quando estava muito em voga o termo “boa vontade”, um Espírito escreveu pela psicografia o seguinte: - “A boa vontade não basta. Já afirmava Goethe que “não pode haver nada pior de que um indivíduo com grande dose de boa vontade mas sem discernimento de ação”. Acontece que a pessoa de boa vontade, não sabendo desempenhar a função a contento, termina fazendo uma confusão terrível.

Não é suficiente ter apenas boa vontade, mas saber desempenhar a função. É melhor uma pessoa com má vontade que saiba fazer corretamente a tarefa do que outra de boa vontade que não sabe agir. Aliando-se as duas qualidades o resultado será mais positivo.

O médium doutrinador, que é também um indivíduo susceptível à influência dos Espíritos, pode desajustar-se no momento da doutrinação, passando a sintonizar com a Entidade comunicante e não com o seu Mentor e, ao perturbar-se, perde a boa direção mental ficando a dizer palavras a esmo.

Observa-se, às vezes, mesmo em reuniões sérias, que muitos companheiros excelentes, ao invés de serem objetivos, fazem verdadeiros discursos no atendimento aos Espíritos sofredores, referindo-se a detalhes que não têm nada com o problema do comunicante.

Não é necessário ser um técnico, um especialista, para desempenhar a função de doutrinador. Porém, é preciso não abdicar do bom senso. Deste modo, quando o Espírito incorporar, cabe ao doutrinador acercar-se do médium e escutá-lo para avaliar o de que ele necessita. Não é recomendável falar-se antes do comunicante procurando adivinhar aquilo que o aflige. A técnica ideal, portanto, é ouvir-se o que o Espírito tem a dizer, para depois orientá-lo, de acordo com o que ele diga, sempre num posicionamento de conselheiro e nunca de um discutidor. Procurar ser conciso, porque alguém em perturbação não entende muito do assunto que seu interlocutor está falando.

Torna-se imprescindível que o doutrinador ausculte a problemática da Entidade. Por exemplo o médium está em estertor e não consegue dizer nada. O doutrinador aproxima-se e pergunta com delicadeza: - “Qual é o seu problema ou dificuldade? Estamos aqui para lhe ser úteis. Você já percebeu porque foi trazido a este local? Qual a razão de encontrar-se tão inquieto?”. A Entidade retruca: - “Eu estou com raiva”. E o doutrinador: - “Você já imaginou o quanto a raiva é prejudicial para a pessoa que a está sentindo?”. – “Pois eu odeio”. – “Mas, tudo nos ensina a amar. Procure superar esse sentimento destruidor”.

O comunicante deve ser encaminhado ao autodesescobrimento. Não adianta falar-lhe sobre pontos doutrinários, porque ele não se interessa. Vamos ilustrar:

Chega uma pessoa com dor de cabeça e aconselha-se: - Tome um analgésico, descanse. No atendimento mediúnico o doutrinador deve ser breve, porque nas discussões infindáveis e nas doutrinações que não acabam nunca o medianeiro se desgasta excessivamente, e o que se deve fazer é preservá-lo ao máximo.

65. Durante a doutrinação deve-se fornecer muitas informações doutrinárias à Entidade sofredora que se manifesta?

Não. Essa é uma particularidade que devemos ter em mente. Coloquemo-nos na posição do comunicante. Quando alguém está com uma forte enxaqueca, por exemplo, não adianta nenhum médico se deter em explicações sobre a origem da doença. A enxaqueca está causando tanto mal-estar que o indivíduo não assimila nada do que é dito. Ele deseja apenas um medicamento para curar o mal. Quanto menos informações forem dadas melhor.

Os espíritas, com exceções, é claro, têm um hábito que não se coaduna com esta atividade: o de usarem vocabulário específico da Doutrina, esquecendo-se que nem todo Espírito que se comunica é um adepto do Espiritismo, capaz de conhecer os seus postulados. Comunica-se um Espírito e diz-se-lhe: - “Você está desencarnado”. Ele não tem a menor ideia do que a pessoa está falando. Ou, então: - “Você precisa afastar-se do médium, desligar-se”. Tampouco ele entende desta vez. Devemos nos lembrar, sempre, que este é um vocabulário específico da Doutrina Espírita que somente pode ser entendido por espíritas praticantes. É o mesmo que um engenheiro eletrônico chegar-se para outra pessoa e começar a explicar Eletrônica na linguagem científica. O ouvinte, não entendendo do assunto, demonstra total desinteresse pelo que está sendo transmitido e, terminada a explanação, continua no mesmo estado mental.

A função das comunicações dos Espíritos sofredores tem por finalidade primordial o seu contato com o fluido animalizado do médium para que ocorra o chamado choque anímico. Allan Kardec usou a expressão fluido animalizado ou animal, porque, quando o Espírito se acopla ao sensitivo para o fenômeno da psicofonia ou psicografia, recebe uma alta carga de energia animalizada que lhe produz um choque.

Como se pode depreender, às vezes, quando advém a desencarnação, o psiquismo do Espírito leva com ele todas as impressões físicas, não se dando a menor conta do que ocorreu. Ele continua no local do desenlace, estranhando tudo em sua volta, sem a mínima ideia da cirurgia da morte que aconteceu há muito tempo.

Quando se dá a incorporação, o Espírito recebe um choque vibratório que o aturde. Se nessa hora forem dadas muitas informações, este estado se complica ainda mais e a Entidade não assimila, como seria de desejar, o socorro de emergência a ser ministrado.

O doutrinador deve ser breve, simples e, sobretudo, gentil, para que o desencarnado receba mais pelas suas vibrações do que pelas palavras. Imaginemos alguém que teve uma parada cardíaca e subitamente desperta num Hospital de Pronto Socorro com uma sensação de desmaio. A situação é comparável ao despertar pela manhã depois de uma noite de sono. Qual a nossa reação psicológica se alguém, aproximando-se da nossa cama, nessa hora nos diz: - “Você já morreu”. Damos uma risada e respondemos: - “Qual nada! Estou aqui, no quarto, acordado”. E continuamos, no entanto, a manter as impressões do sono. No caso de um Espírito desencarnado que se comunica, nesse momento é a vibração do interlocutor que vai torna-lo mais seguro, embora as palavras ditas suscitem nele alguns conflitos. Somente são necessários alguns esclarecimentos preparatórios para que os Mentores façam-no recordar-se da desencarnação em outra ocasião.

Em casos especiais é viável, quando o Espírito permite, dizer-se que a sua desencarnação foi consumada pois toda regra é adaptável às circunstâncias.

Chega, por exemplo, um Espírito dizendo: - “Estou sofrendo há muito tempo, não consigo livrar-me desta dor desconfortável”. Redargue o doutrinador: - “Você já notou o que lhe aconteceu? Há muito tempo você está sentindo esta dor?”. E o diálogo prossegue: - “Ah! Eu não me lembro. Não tenho a menor ideia”. – “Meu amigo, isso é preocupante. Veja bem, examine-se, observe onde você se encontra. Você sabe que lugar é este?”. – “Não sei”. – “Você se encontra entre amigos. Note a forma como está falando. Você já percebeu que se está expressando através de outra pessoa?”. O Espírito vai ficar surpreso porque está convencido de que está falando com os seus próprios recursos. Terminada a pausa o diálogo continua: - “Você já notou que até agora esteve falando e ninguém lhe respondia, enquanto neste momento estou lhe respondendo? Sabe o por quê? Note que até agora tem pedido ajuda e ninguém lhe apareceu, qual a razão disto?”. Enfim, o doutrinador deve fazê-lo perceber, gentilmente, que algo lhe aconteceu e ele não se deu conta: - “Você já não está mais na Terra. Deu-se a ocorrência da sua morte”. E o Espírito, impactado dirá: - “Ah! Mas eu não morri!. E o doutrinador concluirá: - “Morreu, só que morte não é o que você pensa. Você se libertou do corpo, mas continua a viver”.

Pode-se também usar de outro artifício: - “Qual é a sua religião? Você crê que a morte destrói a vida? O que você espera? Você está doente, já imaginou que vai morrer um dia?”.

É exatamente assim que os Mentores espirituais fazem no além-túmulo. Quando chegam os recém-desencarnados, perguntando: - “Onde estou?”. Os Nunes Tutelares não dizem nada de revelador. Porém, falam, logo mais: - “Mantenha-se tranquilo e aguarde, pois daqui a pouco o médico vai chegar”, até o momento em que um Espírito familiar aproxima-se da Entidade recém-chegada que afirma: - “Fulano, mas você está morto!”. – “E você também. Somente que a morte não existe”. Isto provoca no Espírito sofredor um tal bem-estar, que se encontrar junto a um amigo ou familiar sobrevivente à morte, imediatamente o tranquiliza.

Não há, pois, justificativa para a preocupação de dar-se muitos informes. É como dizer-se para uma criança o que ela não tem condição de assimilar. Não adianta falar muito. Tem-se que ser prático e objetivo; cuidar-se de falar num tom de voz que seja natural e coloquial, principalmente, quando há mais de uma comunicação.

Não se deve pronunciar discursos, pois estes não têm qualquer valor para os Espíritos sofredores. Ao doutrinar-se uma Entidade use-se sempre um tom fraternal porque o assunto em questão somente interessa ao doutrinador, ao comunicante e aos demais que estão próximos para efeito de instrução pessoal.

Às vezes, o doutrinador fala em demasia, e não deixa o Espírito expor o seu problema. Observa-se com frequência um hábito que deve ser eliminado: o médium apresenta os primeiros estertores – e isso depende da organização nervosa ou da constituição psicológica do sensitivo – e logo o doutrinador, aproximando-se, e sem ouvir o problema da Entidade, propõe: - “Tenha calma, tenha calma...”. O Espírito, nem sequer disse uma palavra, e já foi tolhido de falar.

Necessário deixar-se que a comunicação se dê, para o doutrinador sentir o problema do comunicante, a fim de encontrar a forma mais sensata de atende-lo.

Se o Espírito está gemendo, ouve-se dizer: - “Venha com Deus ou venha na paz de Deus”. Existe uma outra fórmula muito corriqueira, que se costuma usar: - “Ore, pense em Deus”. São chavões que não levam a lugar nenhum. O doutrinador tem primeiro que ouvir as alegações da Entidade, para depois iniciar a argumentação específica, como se faz no relacionamento humano. Se alguém está chorando não se diz: - “Calma, calma, não chore, não chore...”. Deixa-se a pessoa chorar um pouco, e depois pergunta-se: - “Qual é o problema? Por que está chorando tanto?”.

Damos um outro exemplo:

Aproxima-se de nós uma pessoa muito nervosa, e se quisermos atende-la, dizemos: - “Pois não...”. E mantemo-nos em silêncio até a outra extravasar os sentimentos. Depois é que a interrogamos. Interrogar na hora do desespero cria confusão e a irritação acontece, prejudicando o êxito do atendimento.

Portanto, poucas informações são um sinal de bom senso. Quando estamos com um problema, e se aproximam aquelas pessoas conselheirescas, que falam muito, deixamo-las à parte e ficamos pensando no assunto que nos aflige. Assim acontece quando estamos lidando com os desencarnados. Em decorrência disso, o doutrinador deve fazer tudo para criar um diálogo, abstendo-se de qualquer discussão.

Na hipótese da Entidade recalcitrar na teimosia, deve-se-lhe dizer: - “Você veio aqui em busca de ajuda, deixe-me ajuda-lo”.

Tratando-se de Espíritos perturbadores que, por princípio, se deduz que sabem o estado em que se encontram, agindo, portanto, com intenção maléfica, o doutrinador usa outra técnica. Aliás, é bom alertar: a tática do obsessor é discutir para ganhar tempo e perturbar o ambiente. Enquanto está discutindo, irradia vibração desagradável que a todos irrita e provoca mal-estar, enfraquece-se o círculo vibratório e ele se torna senhor das mentes que emitem animosidade na sua direção.

Ao apresentar-se um Espírito obsessor, dizendo mais ou menos assim: - “Eu vou matar, destruir, etc...” a resposta é a seguinte: - “Só que você se equivocou na base. A sua vinda aqui não foi espontânea. Você veio trazido...” E o diálogo prossegue: - “Não. Eu vim porque quis”. – “Você sabe que não é assim. A evidência vai-lhe comprovar. Experimente retirar-se, para ver se vai conseguir o intento”. – “Eu vou no momento em que quiser”. – “Mas esse momento só acontecerá quando os Mentores Espirituais o permitirem”.

O doutrinador deve falar com a Entidade, não com o objetivo de fazê-la abandonar os seus propósitos, mas porque ele sabe que, enquanto o Espírito estiver acoplado no médium está perdendo força psíquica negativa. Cada vez que um obsessor incorpora em um médium perde alta porcentagem de energia, que antes descarregava na sua vítima. Na tentativa de sensibilizá-lo, porque a vítima de hoje é sempre o grande algoz de ontem, pode-se-lhe dizer: - “Muito bem, você tem ódio de alguém, e porque está maltratando o médium que não tem nada com o seu problema? Você veio aqui, porque sente ódio de nós, e daí? Vá então contra o nosso Chefe que nos colocou neste trabalho. Se você está a serviço de um ideal pessoal, nós estamos a serviço de uma causa comum que é a do Cristo. Então, se volte contra Ele. Você está imerso no mar da Misericórdia Divina...”.

Isto para demonstrar-lhe que não nos assusta, nem tampouco nos intimida com as suas ameaças. Porém, não devemos esquecer que, logo mais, ele será uma companhia constante, a fim de verificar se agimos conforme doutrinamos.

Nota-se que o número de obsidiados que se curam hoje, é bem menor do que nos primórdios. A razão disso, é porque o Espiritismo em muitos corações tem tido o efeito de uma reunião social, de um clube em que a pessoa vai participar com certa unção mas, saindo dali acabou-se, não mais se interessa, tem a vida profana normal, é o homem social, comum, e por isso, os Espíritos que nos observam não acreditam em nossas palavras. Os vingativos não abandonam as vítimas que não demonstrem propósitos de melhorar-se intimamente, nem também levam em consideração as palavras destituídas do respaldo dos bons atos.

Desta forma, quando convivermos com os obsessores, a melhor técnica é não discutir com eles, porque são faladores e têm o objetivo de confundir; principalmente os inimigos do ideal superior, as Entidades “religiosas”, frias, cínicas, sofistas. A atitude do doutrinador deve ser sempre pacífica e gentil. Caso percebamos a intenção do Espírito em demorar-se além do necessário, digamos-lhe: - Agora, você pode ir-se. Já lhe atendemos conforme podíamos. Vamos aplicar-lhe uma medicação”, e utiliza-se da indução hipnótica.

Às vezes o Espírito reage, mas a medicação faz efeito, porque, quando tomamos esta postura, os Mentores Espirituais aplicam-lhes sedativo indispensável para o tratamento específico – hipnose ou certos produtos de origem espiritual que os anestesiam – e retiram-no.

Esta é a técnica ideal.

68.Qual é a abordagem correta do doutrinador, quando identifica a presença de um Espírito mistificador?

Detectada a farsa da Entidade perturbadora, o dever do orientador é desmascará-lo. Deve dizer que está em uma atividade muito séria, e que ele vindo burlar, perturba o trabalho, que tem finalidade superior.

Abrimos um parêntese para dizer que os Benfeitores Espirituais permitem que venham Espíritos mistificadores para tornar o médium humilde, não alimentando a presunção de que é perfeito, invulnerável a quaisquer situações dolorosas. Depois, para treinar os doutrinadores a separarem o joio do trigo e, por fim, porque, quando o Espírito burlão, mistificador, se comunica, também é credor de misericórdia, de caridade, pois está em sofrimento. Essa máscara aparente, com que se apresenta, é o mecanismo de autonegação da sua realidade e merece ser necessariamente esclarecido, com bondade e compaixão, para que se dê conta de que a farsa não encontrou receptividade e, despertado, a partir daí os Instrutores Espirituais prossigam no atendimento, demonstrando-lhe os sofrimentos porque vai passar, derivados da larga mentira que haja proposto a si mesmo e aos outros.

Todavia, a tarefa do doutrinador é a de esclarecer, identificando a mistificação, sem que o médium se sinta melindrado com isso. O fenômeno da mistificação nenhuma relação tem com a mediunidade, aliás, a sua existência é própria da qualidade mediúnica. Allan Kardec fala, textualmente, que o médium excelente não é aquele que tem a capacidade de dar comunicações superiores, e sim aquele que tem facilidade de se comunicar com diferentes Entidades. Quando se trata de uma única, estamos diante de uma fascinação. A mediunidade é polimorfa, sendo um telefone por onde falam todos aqueles que se lhe acerquem, cabendo ao medianeiro a postura dignificante para não sintonizar com os Espíritos perversos, senão com objetivo caritativo.

69. Como deve proceder o doutrinador diante de uma comunicação que se prolonga por tempo demasiado? A quem cabe pôr termo a essa comunicação, ao doutrinador ou ao médium?

O médium como passivo que é, não tem vontade; deve liberar o fenômeno. Ao doutrinador cabe discipliná-lo, pois ele é o terapeuta. Não tem, ali, a tarefa de libertar o Espírito de todos os seus traumas. A função primordial da comunicação mediúnica de um ser desencarnado sofredor é aliviá-lo através do choque anímico ou fluídico: o Espírito absorve a energia animalizada do médium para dar-se conta da ocorrência da sua desencarnação. O doutrinador desperta-o, um pouco, para os Benfeitores Espirituais continuarem o trabalho depois de realizada essa primeira etapa.

Toda vez que o diálogo se prolonga, se for o caso de um Espírito perturbador, é prejudicial ao médium, que assimila um excesso de energias deletérias. Ao doutrinador cabe, depois de cinco a dez minutos, no máximo, dizer – “Muito bem, agora permaneça no recinto para continuar ouvindo, pois que, bons Espíritos vão assisti-lo e quanto ao médium, colabore encerrando a comunicação”.

É tarefa, portanto do orientador. Neste ensejo sua responsabilidade é muito delicada, porque terá de possuir tato psicológico para poder orientar o paciente.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00674

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 57.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XIX – Item 223 – Questão 7 - Papel do Médium nas Comunicações Espíritas – Influência do Espírito Pessoal do Médium – Sistema dos Médiuns Inertes – Aptidão de Certos Médiuns para as Coisas que não Conhecem: as Línguas, a Música, o Desenho – Dissertação de um Espírito Sobre o Papel dos Médiuns (Livro dos Médiuns, página 243 a 250).

DOUTRINAÇÃO: DIANTE DO ANIMISMO

66. Existem fronteiras delimitadoras entre animismo e fenômeno mediúnico que possam ser identificadas pelo terapeuta encarnado?

Existem algumas características: No fenômeno anímico é a alma do encarnado que fala. São seus hábitos, seus registros, seus condicionamentos...

A palavra animismo foi cunhada pelo sábio russo Alexander Aksakof, para definir os fenômenos do nosso inconsciente. No fenômeno mediúnico aquilo que está em nosso arquivo é eliminado, bem se vê, e quando o fenômeno se dá, o doutrinador é capaz de identifica-lo através do caráter do médium, que é por ele conhecido.

Todos nós temos vícios de linguagem, como também bengalas psicológicas. No estado de transe, se essas bengalas psicológicas aparecem, o fenômeno é mediúnico porém com o arquipélago de condicionamentos do médium, pois que determinados hábitos corriqueiros no estado de transe podem comparecer.

Se, por exemplo, as comunicações têm sempre a mesma linha de raciocínio, estamos diante de um fenômeno anímico.

O Espírito comunicante possui uma característica própria, assim como cada um de nós. Se várias pessoas forem ao telefone para dar a mesma mensagem, saberemos que se trata de pessoas diferentes pela maneira de dizer, pela entonação de voz, pela maneira de compor as frases, pelo ritmo e também pelos hábitos.

Por exemplo: Há pessoas que falam entrecortadamente. Se na comunicação a mensagem vem entrecortada é um fenômeno anímico, o registro da personalidade é maior de que o da Entidade comunicando-se.

Determinados gestos que são muito típicos de nós, por um condicionamento, no fenômeno mediúnico repetimos.

Então, qualquer doutrinador atento pode saber quando o fenômeno é eminentemente mediúnico, digamos a 70%, e quando ele é um fenômeno anímico, ou seja: a 70% animismo e apenas 30% de mediúnico. Por isso as reuniões mediúnicas devem ser feitas com pessoas que conheçam entre si, que tenham um bom relacionamento, pessoas moralizadas, que não venham fazer espetáculos, que tenham conhecimento doutrinário, porque são equipamentos para nos policiarmos contra os fenômenos automatistas da nossa personalidade.

67. Qual a conduta correta do doutrinador no fenômeno anímico?

A postura correta do doutrinador é a de esclarecer, tanto o Espírito encarnado como o desencarnado. Mas, cumpre-lhe deixar o médium perceber que a doutrinação está sendo direcionada ao seu inconsciente, a fim de que se mantenha mais vigilante, passando a bloquear a irrupção do fenômeno automatista.

Não há graduação de períodos para o fenômeno anímico. Pessoas há, que têm muitos registros e os mesmos criam personificações parasitárias em variado número, que se encarregam de assomar à memória atual, dando a impressão de se tratarem de Entidades desencarnadas. Outras tantas, quando se concentram, assumem esses conflitos e arquivos do inconsciente, que devem ser orientados pelo psicoterapeuta espiritual, a fim de os diluir nos depósitos da mente.

Como a tarefa do orientador é auxiliar sempre aos Espíritos, no caso do animismo, é válido socorrer o encarnado, que também é Espírito, de forma a auxiliá-lo na catarse das impressões perturbadoras que, anuladas, facultarão a ocorrência do fenômeno mediúnico claro e correto.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00676

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 60.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 346 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403).

ASSISTÊNCIA

74. A função do médium e a do doutrinador, nas práticas mediúnicas, são facilmente identificadas. De que forma os outros integrantes de uma reunião mediúnica devem participar? Eles se tornarão um dia médiuns ou doutrinadores?

O capítulo XXIV de O Evangelho Segundo o Espiritismo dá-nos a resposta. No estudo ali realizado, Allan Kardec, refere-se à mediunidade como sendo uma certa predisposição orgânica inerente a todas as pessoas, como a faculdade de ver, de falar, de ouvir...

Numa prática mediúnica temos três elementos básicos no plano físico: o doutrinador; o médium (de psicografia, psicofonia ou de outra faculdade qualquer, como a clarividência, clariaudiência) e o assistente, que não é plateia.

A prática mediúnica sempre faz recordar uma sala cirúrgica, onde existem as equipes de cirurgiões, paramédica e de auxiliares. Todos eles em função do paciente, que é o Espírito sofredor. O trabalho mediúnico pode ter o caráter simultâneo de educação do médium e de desobsessão. De educação, porque somos sempre principiantes; e de desobsessão, porque os Benfeitores espirituais trazem Espíritos perversos, imbuídos de sentimentos maus, perseguidores contumazes para serem doutrinados.

Todos já conhecemos as funções do doutrinador e do médium. Todavia, nem sempre isto acontece quando se trata do assistente, que não sabe como conduzir-se.

Numa sala cirúrgica o assistente é alguém sempre disposto a cooperar com o que seja necessário. Como todo assistente é um médium em potencial, ele pode dar uma comunicação em qualquer momento, esteja à mesa ou fora dela. A tradição de que as comunicações devem apenas operar-se à mesa está superada. A mesa foi um artifício de que Allan Kardec se utilizou para dar mais comodidade, pois as pessoas apoiam os braços, têm uma postura mais confortável, mais repousante, contudo em qualquer parte onde esteja situada a pessoa na sala mediúnica, pode estar em sintonia para os labores de intercâmbio espiritual.

Anteriormente havia uma tradição equivocada que atribuía a existência de uma primeira e de segunda correntes. São superstições. O importante é o conjunto; e o assistente comum deve ser alguém que participe através da mentalização, da meditação ou mesmo cooperando emocionalmente com o doutrinador, porque nem sempre este é feliz na identificação do móvel da comunicação, no momento de definir-se se trata de um Espírito sofredor ou mistificador, na linhagem da perversidade. Não raro, o doutrinador fica sindicando, num diálogo ainda não direcionado, para identificar o problema que traz o comunicante e assim conversar com segurança. Além disso, o doutrinador, às vezes, se equivoca, o que é natural e humano. Inicia a doutrinação de uma forma, que não corresponde à necessidade do Espírito, e os Mentores sentem dificuldade em induzi-lo para que haja uma boa recepção. No entanto, um assistente pode identificar perfeitamente o problema. Cabe-lhe, neste caso, concentrar-se, ajudando o doutrinador, enviando mentalmente a mensagem acertada para que ele encontre a diretriz segura na orientação a ser ministrada.

É muito comum, em todos os grupos, por indisciplina mental dos assistentes, quando se trata de Entidade zombeteira ou perversa, fazer-se o jogo do desencarnado, não colaborando com o doutrinador, principalmente quando se trata de discussão que, aliás, deve sempre ser evitada.

Frequentemente o assistente fica torcendo para que o Espírito perturbado vença a querela e até sente uma certa euforia quando nota o embaraço do orientador. Não se dá conta que, nesse estado mental, entra em sintonia com o Espírito malfazejo, que exterioriza uma radiação capaz de ser absorvida apor qualquer pessoa na mesma faixa mental.

Ou seja, o assistente tem um papel preponderante para o êxito do trabalho mediúnico. Se, às vezes, o processo das comunicações não está ocorrendo com sucesso, em grande parte a responsabilidade é da equipe auxiliar. São a eficiência e a qualidade do trabalho dessa equipe que sustentam o valor da obra.

Por outro lado, nos trabalhos mediúnicos, o assistente deve aproveitar o momento para meditar, acompanhando as comunicações, ao invés de se deixar envolver pelo cochilo. Realmente, fica monótono o transcorrer de uma prática mediúnica, quando a pessoa não se integra nos detalhes do que ali acontece. Somente assim procedendo consegue o assistente libertar-se do desejo de dormir ou de ser acometido por mal-estar, o que sempre ocorre quando a pessoa não se concentra para acompanhar atentamente as comunicações que estão acontecendo.

Para dinamizar a sua participação, o assistente deve manter-se em atitude oracional para auxiliar o comunicante, penetrando no seu problema, porque isso é de muita relevância. Observa-se com frequência que alguns embaraços do terapeuta espiritual são decorrência não só do seu despreparo, como também, da falta de cooperação mental do grupo, que não estando sintonizado deixa de oferecer os meios para uma ligação mental com os Mentores e com a Entidade comunicante.

Por fim, todos os assistentes devem manter-se em atitude receptiva, porque a manifestação mediúnica pode irromper a qualquer momento, em qualquer um deles, não necessariamente com caráter obsessivo, mas também inspirativo positivo. Pode surgir uma ideia edificante, um pensamento feliz, e cabe, à pessoa, no momento do silêncio, exteriorizar essa emoção, que pode ser o começo de uma manifestação no desdobramento de faculdades embrionárias. Desta forma, o assistente deve colaborar positivamente com as suas emissões positivas no transcorrer das comunicações, pois ele é uma espécie de auxiliar de enfermagem na cirurgia mediúnica. Da sua mente devem sair recursos energéticos para o trabalho anestésico a benefício do paciente desencarnado. A sua participação deve ser ativa e vigilante em todas as atividades ocorridas durante os trabalhos ali desenvolvidos. Suplicando ajuda espiritual, acompanhando e observando os diálogos, ele se transforma numa peça imprescindível na cooperação para o bom êxito das tarefas de intercâmbio espiritual.

Isto posso constatar, muitas vezes, em estado de desdobramento, pois enquanto os Amigos Espirituais escrevem, ou mesmo estando incorporado, acompanho os acontecimentos e anoto o que se passa no transcorrer dos labores.

Quando a prática mediúnica termina e as pessoas fazem perguntas sobre esta ou aquela particularidade, lembro-me perfeitamente da ocorrência, dos vários detalhes, como sejam: os diálogos, as comunicações, as condições das Entidades sofredoras, os Espíritos amigos que estão presentes na reunião, etc. É a lucidez da mediunidade.

75. Quando um dos componentes da prática mediúnica percebe que determinada doutrinação não está sendo bem conduzida, ele pode ou deve intervir? Qual o momento adequado? De que forma?

O ideal será a pessoa ficar colaborando através das vibrações e da atitude oracional. Excepcionalmente, a depender do laço de confiança e da humildade do doutrinador, pode-se dizer: - “Fulano, você não acha que se aplicássemos tal recurso seria melhor?”. Notando-se qualquer sinal de agastamento, por parte do doutrinador, deve-se imediatamente calar.

Com frequência ocorre o assistente sintonizar melhor do que aquele que está doutrinando. Isto porque, quando alguém se aproxima do médium que está dando a comunicação, se contamina com as vibrações do Espírito comunicante e aquela irradiação envolvente, quando negativa, leva o doutrinador a entrar num verdadeiro pugilato com o Espírito, em decorrência do envolvimento emocional.

Torna-se difícil para alguém inexperiente manter o tipo de serenidade capaz de impedir esta contaminação. Por isso não é recomendável que os doutrinadores sejam médiuns atuantes, para que não haja facilidade de assimilação da carga fluídica do comunicante. Ao assimilá-la, deixa-se envolver pelas provocações do Espírito.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00681

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 78.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 249 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 286 a 287).

DOUTRINADORES

86. Focalizando agora o doutrinador, quais os padrões de qualidade que deverão guia-lo no exercício de suas funções?

A primeira consideração a fazer é que o médium doutrinador tem um perfil próprio que o deve caracterizar. E a tônica principal dentro desse perfil deverá ser a racionalidade, o que não significa frieza, mas a base onde vai apoiar-se no campo das ideias, para expressar o seu trabalho num clima de segurança e estabilidade emocional capaz de infundir confiança naqueles que atende.

Diferentemente do médium de transe, que tem uma característica emocional muito vibrátil, o doutrinador ou terapeuta espiritual deverá ser:

1). Emocionalmente menos oscilante, menos excitável, embora amoroso e disponível.

2). A mediunidade nele se expressará através da assimilação de correntes mentais, sem participação nervosa, através da intuição, a fim de que se ligue aos Espíritos socorristas que o inspiram sem se envolver mediunicamente com os sofredores que se comunicam e com os quais vai dialogar, o que não o impede de passar-lhes:

1). A energia dos bons sentimentos;

2). A força da palavra abalizada e gentil;

3). E as diversas terapias que complementam o aconselhamento.

Essa forma especial de ser médium garante-lhe a recepção das intuições enquanto ouve os Espíritos, mesmo raciocinando para organizar respostas adequadas e coerentes, estímulos e orientações, que passarão sob a forma de reflexos àqueles com quem dialoga.

Como importante se faz em todos os participantes de trabalhos mediúnicos o comportamento moral, no doutrinador, essa qualificação se torna vital, essencial, pois como terapeuta espiritual ajudará muito mais com sentimentos do que com raciocínios, sendo a condição moral a única via capaz de estabelecer a sintonia com os Mentores Espirituais e a única força capaz de infundir respeito aos Espíritos rebeldes, ignorantes, primitivos, desarvorados, que são trazidos para receberem as terapias específicas.

Exige-se-lhe, ainda, um largo conhecimento doutrinário e do Evangelho pois que estes serão a fonte supridora de onde emanarão suas orientações.

A posse desses elementos em nível adequado e razoável enseja ao doutrinador alcançar os seguintes tentos, que lhe deverão constituir os indicadores com que avaliará o seu trabalho:

1). Saber ouvir, fruto de uma observação atenta, concentrada, sem as tensões emocionais inquietantes do meio e da ansiedade; ouvir primeiro para depois orientar com segurança;

2). Rapidez de percepção, derivada de uma intuição clara, que, não acontecendo, fará perder-se em sindicâncias demoradas que prejudicam o atendimento no seu todo;

3). Intervenções oportunas e nas horas certas, resultando da interação das conquistas anteriores;

4). E, finalmente, o uso das terapias complementares à palavra, tais como:

O passe;

A oração;

A sonoterapia;

A sugestão hipnótica;

A regressão de memória;

Que são procedimentos indispensáveis em determinados momentos, e que deverão ser aplicados em consonância com os Mentores Espirituais, facilmente percebidas se estiver funcionando efetivamente a intuição.

Posturas corporais e psicológicas são ainda padrões de qualidade para o doutrinador pois se refletem nos resultados conforme o teor das mesmas, favorecendo o êxito ou limitando-o. A postura correta é o doutrinador colocar-se atrás ou ao lado do médium em transe, evitando aproximar o seu rosto do dele, para não invadir o campo de aura do sensitivo, resguardando-o assim de constrangimentos e irritação. Caso o médium esteja falando baixo, o doutrinador pedirá para altear um pouco mais o tom de voz em vez de se inclinar em demasia sobre o corpo.

Assume postura incorreta o doutrinador quando se interpõe entre o médium e a pessoa sentada ao lado, colocando a mão sobre a mesa, o que limita os movimentos de ambos, principalmente do médium em transe. Certas posições, como esta, tanto largadas ou sem aprumo, podem estar refletindo estados psicológicos ou emocionais não muito adequados: displicência, insegurança, cansaço...

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00686

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 87.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

PALAVRA

94. A terapia básica do doutrinador é a palavra. É sobre ela e como recursos complementares que as demais terapias serão aplicadas. Com o auxílio de que indicadores podemos avaliar a eficácia dessa terapia?

Iremos apenas sistematizar alguns itens para facilitar a avaliação da reunião mediúnica sob esse aspecto: Móvel da comunicação – esse é o item fundamental. Se o doutrinador percebe a problemática do Espírito, a terapia pode chegar a bom termo. Em caso negativo o trabalho se restringirá ao choque anímico podendo inclusive sofrer prejuízos, o Espírito e o médium. Alguns Espíritos expressam claramente o seu problema; outros o disfarçam, quando não é o caso de dificuldades inerentes ao próprio médium, que não consegue interpretar a mensagem lucidamente. Não seja isso, todavia, uma dificuldade insuperável, mas um teste a ser vencido pela carga de sentimentos elevados que o doutrinador deve colocar no seu trabalho.

Bons atendimentos ficarão por conta, sempre, de doutrinadores de percepção rápida, com intuição clara, tato psicológico, empáticos e otimistas.

Diálogo sustentado é a base sobre a qual se estabelecerá o entendimento. Haverá de saber o doutrinador, ouvir e tomar a fala na hora certa, para tornar a cedê-la em seguida, para receber o feedback que abrirá espaço para o padrão de qualidade seguinte.

Espírito induzido à reflexão: João Cleófas, em INTERCÂMBIO MEDIÚNICO, psicografia de Divaldo Franco, ensina que dialogar com esses companheiros que pedem espaço através da mediunidade, é a arte de compreender, psicologicamente, a dor dos enfermos que ignoram a doença em que se debatem, usando a palavra oportuna e concisa qual um bisturi que opera com rapidez, preparando o paciente para uma terapia de longo curso. Por isso, propõe que se não tenha a pretensão de erradicar, naqueles breves minutos de diálogo, problemáticas profundamente enraizadas mas que se aponte o rumo, despertando esses sofredores desencarnados para uma visão mais alta e otimista da vida, por meio de cujos recursos os realmente interessados no próprio progresso porão em prática as reflexões e orientações recebidas.

Pelo interesse revelado pelo Espírito atendido saberá o doutrinador que aquele diálogo induziu o ser desencarnado a uma reflexão que poderá frutificar no amanhã.

Constituiu-se momento extremamente feliz para ao grupo quando alguns, dentre os muitos Espíritos que foram atendidos na reunião, voltam para agradecer.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00687

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 88.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

ORAÇÃO

95. Como deve ser utilizada a prece no transcorrer da doutrinação para atingir efeitos terapêuticos a benefício dos Espíritos comunicantes em estado de sofrimento?

Alguns doutrinadores, enquanto estagiam nas fases da inexperiência, costumam recomendar aos Espíritos em estado de desespero, ou mesmo sofredores, que façam preces, que se utilizem da oração. E o fazem em tom imperativo, algumas vezes: “Meu irmão, ore!”. De outras vezes em tom sugestivo: “Você precisa orar...”.

A atitude, de ambas formas propostas, não é um procedimento recomendável pois nenhum Espírito em condições de desarmonia emocional como se apresenta a maioria, nas reuniões mediúnicas, tem condições para tanto. Estas recomendações soam como chavões que me nada ajudam. Despois de atendidos e aliviados, alguns conforme o temperamento, podem ser orientados nesse sentido, mas de uma forma discreta e como uma recomendação a ser praticada depois daquele encontro. O doutrinador poderá fazer um comentário deste tipo: “Graças a Deus você está melhor. A falta de oração fez que você chegasse até esse ponto. Mas o amigo, doravante, haverá de se lembrar de Deus e, certamente, orando, conservará o estado de paz em que se encontra agora. Observe: todos estamos aqui, silenciosamente, orando por sua paz”.

Em ocasiões especiais, o doutrinador recorrerá à prece, fazendo-a como se estivesse em associação com o Espírito que ali, diante dele, tendo experimentado o asserenar de seu tormento ou ansiedade, terá condições de, ao menos, acompanha-lo com respeito. Há um exemplo clássico muito belo, no livro NOS DOMÍNIOS DA MEDIUNIDADE, capítulo VII; quando Raul Silva, o doutrinador em serviço, atende o indigitado obsessor ao qual leva a emocionar-se, propondo-lhe, no meio do diálogo, a oração, que ele mesmo ali profere emocionado também.

Reproduzimos um trecho do diálogo para sentir a oportunidade do comportamento do doutrinador:

- (...) ignoro porque me entravam agora os passos. É inútil. Aliás, não sei a razão pela qual me contenho... Que querem de mim?

- Estamos em prece por sua paz – falou Silva, com inflexão de bondade e carinho.

- Grande novidade! Que há de comum entre nós? Devo-lhe algo?

- Pelo contrário – exclamou o interlocutor convicto -, nós somos que lhe deve atenção e assistência...

Ante o argumento enunciado com sinceridade e simpatia, o renitente sofredor pareceu apaziguar-se (...) e comoveu-se diante da ternura daquele inesperado acolhimento... surpreendido, notou que a palavra lhe falecia embargada na garganta.

Sob o sábio comando de Clementino, falou o doutrinador com afetividade ardente:

- Libório, meu irmão!

Raul avançou para ele, impondo-lhe as mãos, das quais jorrava luminoso fluxo magnético, e convidou:

- Vamos orar!

- Divino Mestre...

Finda a oração o visitante chorava.

Algumas regras, portanto, para a oração durante a doutrinação, as quais podemos considerar como padrões de qualidade:

1). Orar somente diante de um Espírito comovido, face ao resultado exitoso do diálogo. Equivale dizer: esperar que a tormenta passe, a onda do desespero amaine para fazê-lo.

2). Orar em atitude associativa, isto é, junto com o Espírito, como se o problema fosse comum...

3). Não tornar um procedimento rotineiro. Orar telementalizado pelo Espírito que o assiste no trabalho da orientação. Em doutrinação, inspiração é tudo.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00688

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 90.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

PASSES

96. O passe, como terapia auxiliar à palavra, pode ser usado indiscriminadamente ou somente em momentos adequados?

Os passes, durante a doutrinação dos Espíritos, devem ser usados com moderação e cautela, somente quando sua aplicação seja indicada. Neste particular devemos copiar a Natureza – ela nunca se utiliza de recursos que não estão sendo reclamados e jamais consome energia além do necessário. Devemos ter sempre em mente que, quando o Espírito incorpora no médium dá-se uma imantação e através do choque anímico começa a fluir energia num circuito de ida e de volta, do médium para o Espírito e desse para aquele, num sistema energético que é ajustado e controlado pelo Mentor Espiritual, a funcionar como um verdadeiro “técnico” em eletrônica espiritual ou transcendental. Ora, se o nível de energia estiver bom, isto é, a comunicação do médium se expressando equilibrado e controladamente, não há necessidade alguma de passes, não sendo de estranhar que estes possam ser mais prejudiciais que úteis, por se constituírem uma energia externa nem sempre bem dosada e corretamente aplicada. Imaginemo-la em excesso: poderá causar irritação; imaginemo-la aplicada com uma técnica dispersiva: agirá no sentido de desimantar, podendo arrefecer a energia da comunicação, afrouxar os contatos mediúnicos e até fazer cessar a transmissão da mensagem. Não é assim que procedemos quando queremos impedir uma comunicação indesejável, fora da reunião mediúnica, por exemplo de um médium desarmonizado?

Uma imagem de que nos podemos utilizar para entender o que estamos propondo é tomarmos por comparação uma solução de sal marinho em água: à medida que vamos adicionando sal à água, a solução vai ficando concentrada, até o seu limite de saturação, a partir do qual todo sal que se adicione se precipita, antes turbando a solução. Quando se age no sentido inverso, o da diluição, a solução pode tornar-se tão fraca que não se consiga perceber a presença do soluto. Comparando esta imagem com um sistema mediúnico (apenas para fins didáticos) teremos: precipitação sólida no fundo do vaso equivale a excesso de fluído agindo no recipiente físico (soma), criando irritação e outros transtornos ao equipamento mediúnico; turvação da solução significa perturbação no campo magnético da comunicação, destacando impurezas, dificultando a transmissão e a recepção da mensagem; já uma diluição excessiva lembra um passe dispersivo desnecessariamente aplicado numa dupla médium-Espírito em ação, diminuindo a força energética da comunicação.

Portanto, passes somente no momento adequado e com conhecimento de causa. Isto é padrão de qualidade.

97. Então, quando e com que técnicas se deve aplicar passes em médiuns em transe durante as reuniões mediúnicas?

Valemo-nos da resposta dada por Divaldo Franco inserida no livro TERAPIA PELOS PASSES, de nossa autoria.

“Acredito que os médiuns em transe somente deverão receber passes quando se encontrem sob ação perturbadora de Entidades em desequilíbrio, cujas emanações psíquicas possam afetar-lhes os delicados equipamentos perispirituais. Notando-se que o médium apresenta estertores, asfixia, angústia acentuada durante o intercâmbio, como decorrência de intoxicação pelas emanações perniciosas do comunicante, é de bom alvitre que seja aplicada a terapia do passe, que alcançará também o desencarnado, diminuindo-lhe as manifestações enfermiças. Nesse caso, também será auxiliado o instrumento mediúnico, que terá suavizadas as cargas vibratórias deletérias. Invariavelmente, em casos de tal natureza, deve-se objetivar os chakras coronário e cerebral do médium, através de movimentos rítmicos dispersivos, logo após seguidos de revitalização dos referidos Centros de Força. Com essa terapia se pode liberar o médium das energias miasmáticas que o desencarnado lhe transmite, ao tempo em que são diminuídas as cargas negativas do Espírito em sofrimento.

Essa intervenção do doutrinador se dará no momento em que o desequilíbrio se instala, o que pode ocorrer no início, no meio ou no final da comunicação.

Uma outra situação extremamente dramática e perturbadora é a que acompanha a comunicação de Espíritos vigorosa e demoradamente fixados ao mal, vinculados às organizações das sombras, de que se fizeram líderes, o que efetivamente acontece em memoráveis encontros, divididos em dois tempos: um no plano físico e outro no plano espiritual, com a equipe mediúnica desdobrada pelo sono.

Nesses encontros, líderes enlouquecidos do anticristo são atendidos por Espíritos com grande competência, funcionando como doutrinadores. Esses líderes da Sombra trazem máscaras ideoplásticas aderidas ao perispírito, construídas e vitalizadas há séculos, as quais ocultam o estado de miséria moral em que se encontram; são capazes ainda, esses Espíritos, de construir outras figurações momentâneas, fruto de grande treino mental, tais como a de monstros, demônios, etc. para assustarem suas vítimas e contendores. Vencidos pela força crística que os doutrinadores conseguem portar, são submetidos a processos magnéticos complexos quão eficazes para o desfazimento dessas ideoplastias.

Vejamos em TRILHAS DA LIBERTAÇÃO, o Dr. Carneiro de Campos, Espírito, atendendo, com passes, o Khan Tuqtamich, incorporado na médium Armênia desdobrada e o Espírito endurecido ideoplastizado por transfiguração na imagem do diabo:

Aproximando-se da médium em transe, o Dr. Carneiro começou a aplicar passes longitudinais, depois circulares, no sentido oposto ao movimento dos ponteiros do relógio, alcançando o chakra cerebral da Entidade, que teimava na fixação. Sem pressa e ritmadamente o Benfeitor prosseguia com os movimentos corretos, enquanto dizia:

- Tuqtamich, você é gente... Tuqtamich, você é gente.

(...) Suas mãos desprendiam anéis luminosos que passaram a envolver o Espírito. A pouco e pouco romperam-se as construções que o ocultavam, caindo como destroços... O manto rubro pareceu incendiar-se e a cauda tombou inerme. Os demais adereços da composição, igualmente, despedaçaram-se e caíram no chão.

Para surpresa nossa, a forma e as condições em que surgiu o Espírito eram constrangedoras – coberto de feridas purulentas, nauseantes, alquebrado, seminu, trôpego, o rosto deformado como se houvesse sido carcomido pela hanseníase – inspirava compaixão embora o aspecto repelente.

Depois de acompanhar episódio tão dramático saberemos deduzir que semelhantes fatos e intervenções são raros. Todavia, casos mais simples de fixações ideoplásticas aderidas a Espíritos que atendemos nas reuniões mediúnicas ocorrem com mais frequência, tais como: armas, que as Entidades sentem-se ainda portando, capacetes fluídicos que outras lhes impuseram como instrumento e dominação, cenas fortes que vivenciaram e que não conseguem esquecer. Estas ideoplastias podem ser atendidas de modo semelhante à técnica de passes utilizada pelo Dr. Carneiro de Campos.

Vejamos como se expressou Divaldo Franco sobre o assunto em TERAPIA PELOS PASSES, obra já citada:

“Vivemos em um mundo de vibrações e de ondas, nas quais as construções mentais se expressam com facilidade dando surgimento a ideoplastias de vário teor, a se manifestarem em formas-pensamentos, vibriões destrutivos, fantasmas com formas apavorantes e fixações mais demoradas, que se transformam em instrumento de flagício para os próprios desencarnados como para os deambulantes da forma física. Desse modo os passes longitudinais e circulares são de resultados salutares por destruírem essas condensações de energia negativa e enfermiça. No entanto, é sempre de bom tom que o médium se evangelize, para poder, ele próprio, desfazer estas construções que lhe são aplicadas pelos desencarnados, mediante os pensamentos edificantes que conseguem diluir essas materializações de dentro para fora”.

Resta-nos colocar uma terceira situação em que se pode aplicar passes em médiuns já incorporados, que é durante a indução hipnótica que o doutrinador inspirado direciona para fins de regressão de memória.

Ainda recorrendo a Divaldo Franco, aparece a necessidade de, como ato preparatório, desfazer fixações perturbadoras, monoideias inquietadoras antes de conduzir os Espíritos ao passado como no caso anterior citado, daí porque ele sugere “ao mesmo tempo que se procede à indução hipnótica, retirar-se os fluidos enfermiços que envolvem o perispírito do comunicante, mediante movimentos longitudinais e, de imediato, rotativos, no chakra cerebral, a fim de facilitar as recordações dos momentos gerados da aflição que ora se expressa em forma de sofrimento, revolta, perseguição impiedosa...”.

Portanto, passe com variação de técnica, conforme a indicação específica a cada tipo de caso é, também, padrão de qualidade.

98. Em se tratando de médiuns inexperientes, pode-se induzi-los à comunicação quando se notar que estão sentindo a presença do Espírito mas não conseguem completar o transe?

Sim, e somente quando notarmos que estão sensibilizados. Nada de se estimular aquilo que ainda nem começou mediunicamente. Percebidos os primeiros sinais da comunicação, e se ela não deslancha devemos auxiliá-los com passes “de modo a liberar os centros de captação psíquicas das cargas vibratórias que lhes são habituais e criam dificuldades para o registro das comunicações”. A técnica deverá ser a mesma retromencionada – médiuns em transe sob ação perturbadora de Entidade em desequilíbrio – passes dispersivos nos chakras coronário e cerebral seguidos de revitalização. Aplicados esses recursos liberativos, deve-se estimular o médium inexperiente com palavras orientadoras.

A mesma técnica de passes se recomenda (e tem sido muito eficiente) quando o médium encontra-se exaurido ou desgastado após uma comunicação violenta.

No geral, no final das reuniões, como se admite que houve perdas sensíveis em alguns ou na maioria dos médiuns, recomendam-se os passes coletivos em todos.

99. Uma última questão sobre os passes em reuniões mediúnicas. A quem cabe a aplicação durante a fase do atendimento, aos doutrinadores ou aos médiuns passistas?

Ainda recorrendo à experiência do médium baiano vejamos como ele responde: “A tarefa de aplicar passes nas reuniões mediúnicas sempre cabe ao encarregado da doutrinação. Poderá ele, no entanto, solicitar a contribuição de outros médiuns, especialmente passistas. A razão desse cuidado decorre da natural vinculação que se estabelece entre o diretor dos trabalhos e os cooperadores, que se tornam mais receptivos, por motivo o intercâmbio vibratório que deve viger entre todos os membros”.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00689

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 94.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

HIPNOSE

100. É válido o terapeuta espiritual aplicar técnicas de hipnose durante a doutrinação? Quando deve utilizá-las e como avalia-las?

É de muita utilidade a hipnose como recurso terapêutico em favor dos Espíritos comunicantes desde que se saiba aplica-la corretamente, até porque essa terapia, na maioria dos casos, irá funcionar como contra-hipnose no sentido de diluir fixações mentais deprimentes que eles próprios se autoinfligiram ou que neles foram implantadas pelos Espírito agressivos e dominadores que infestam os Planos Espirituais de densidade inferior.

A hipnose se baseia fundamentalmente na ação sugestiva, uma sequência de ordens e apelos que o agente dirige ao paciente, estando este preparado para receber a terapia. Esta condição ideal para ser hipnotizado, o denominado estado de sugestibilidade é um nível alterado de consciência situado entre a vigília e o sono natural em que a vontade do hipnotizador suplanta, até certo ponto, a vontade consciente do hipnotizado, que assim tem algumas zonas do inconsciente acessadas, ficando mais apto para movimentar os estímulos externos e os mecanismos internos promotores da cura.

Quando se fornece a alguém uma causa consciente de ação, convence-se, persuade-se a pessoa; porém, quando se lhe insinua uma razão inconsciente de ação, sugestiona-se. Esse é o domínio da hipnose. Como o inconsciente é mais abrangente, poderoso e dominador que o consciente, a sugestão prevalece sobre a razão analítica. Por isso a hipnose é tanto mais eficiente quanto maior a habilidade para se conseguir, o mais plenamente possível, o estado de sugestibilidade, a partir do qual o inconsciente é mais fortemente estimulado, colocando o paciente num estado de obediência e de adesão total às propostas terapêuticas sugeridas pelo doutrinador.

Ainda não se compreende totalmente, do ponto de vista biopsíquico, as causas profundas que levam a este estado de submissão total que dá lugar à substituição de uma vontade por outra.

Uns afirmam que o hipnotizador ressuscita, de algum modo, a personalidade do pai ou da pessoa que na infância do hipnotizado exercia sobre ele a autoridade suprema. Outros, como MacDougall, propõem que a espécie humana, semelhantemente às espécies animais gregárias, possui tanto o instinto natural de obediência como o de domínio, sendo a hipnose a expressão dessa lei biológica. Um terceiro grupo pensa como Pavlov, propondo que a inibição, o sono natural e a hipnose não passam de uma só e mesma coisa. Explica esse grupo: quando se estimula um animal, associando um hábito a uma necessidade básica, produz-se nele um reflexo condicionado, a partir do qual desencadeiam-se reflexos incondicionados próprios para o atendimento daquela necessidade instintiva. Caso se lhe impeça a concretização do ato, a área correspondente àquela função se inibe, inibição parcial esta que se pode alastrar por toda a área cerebral se se repete sucessivamente o ciclo provocação-negação do objeto de satisfação, quando, então, o animal dorme.

Exemplificando: o animal é estimulado a comer sempre que se toca um sino – reflexo condicionado –; a partir daí libera as enzimas próprias da digestão – reflexo incondicionado –; negação do alimento – inibição parcial, à qual, se repetida constantemente, produz lassidão, sono. Portanto, deduzimos nós, segundo a teoria pavloviana, que o estado hipnótico seria no ser humano, uma força de autocompensação para as frustrações da vida, os desconfortos, em que as decepções da razão consciente seriam contrabalanceadas por um estado de paz, de abandono patrocinado pelo inconsciente. Aliás, foi a partir do desconforto físico intencionalmente provocado – incidência de luz sobre os olhos, som atordoante e repetitivo – que Braid, conseguiu o estado hipnótico, prosseguindo as experiências de Farias.

Seja qual for a explicação para o estado hinótico, o que importa mesmo é que o doutrinador saiba os caminhos que a ele conduzem e os benefícios a serem alcançados no trato com os Espíritos sofredores. Em primeiro lugar, procurará conduzir o Espírito a quem quer transmitir sugestões hipnóticas a um estado de confiança total depois de vencer-lhe os argumentos – falsos argumentos – frutos do tresvario emocional e psíquico em que se encontra. Arrefecido o ânimo agitado da Entidade, e já dando esta os primeiros sinais de entrega, deve o doutrinador parar a fala discursiva e, escolhida a sugestão, compatível com a necessidade do comunicante, ficar a repeti-la com voz pausada, clara e incisiva até envolve-lo totalmente na energia da sugestão, se necessário aplicando passes longitudinais, a partir do chakra cerebral.

Acompanhemos um exemplo da lavra abençoada de Manoel Philomeno de Miranda, esse Espírito amoroso que tanto nos tem ensinado:

“Trata-se de um diálogo entre Petitinga e um indigitado perseguidor, o qual reproduzimos em parte, já próximo do seu epílogo:

- Oh! Nunca poderei esquecer, perdoar, amar, nunca, nunca...

O irmão Saturnino, semi-incorporado no venerando doutrinador, ergueu-o, e dirigindo-se ao perturbado, em oração, começou a aplicar-lhe passes, de modo a diminuir-lhe as agudíssimas exulcerações e torturas.

Branda claridade envolveu o comunicante enquanto as mãos de Saturnino, justapostas às de Petitinga, como depósitos de radiosa energia, que também se exteriorizava do plexo cardíaco do passista, lentamente penetrou os centros de força do desencarnado, como a anestesiar-lhe a organização perispiritual em desalinho.

Com a voz compassiva, o diretor dos trabalhos começou a exortar: “Durma, durma, meu irmão... O sono far-lhe-á bem. Procure tudo esquecer para somente lembrar-se de que hoje é novo dia... Durma, durma, durma...”.

Banhado por energia balsamizante e dominado pelas vibrações hipnóticas que fluíam de Saturnino através de Petitinga, o perseguidor foi vencido por estranho torpor, sendo desligado do médium por devotados assessores desencarnados que cooperavam no serviço de iluminação (Nos Bastidores da Obsessão, Cap. 1, Manoel Philomeno de Miranda, psicografia de Divaldo Franco).

Transparece do exemplo um detalhe técnico importante: a sugestão pós-hipnótica, que é um complemento válido à sugestão inicial a fim de se melhorar os resultados. No caso em pauta, Petitinga propõe a sugestão corretiva imediata: dormir, para aliviar a tensão que tanto mal está causando; mas, também, esquecer, esta a palavra de ordem que se espera aconteça mesmo depois do despertamento.

Semelhantes sugestões pós-hipnóticas poderão ser dadas de forma enfática, no estilo de cada um, conforme a percepção do doutrinador e objetivos por ele imaginados: - “Durma, durma, durma. Quando acordar você perceberá o quanto Deus o ama e como você poderá ser feliz. Durma, durma!”.

Para o Espírito que se deprime, dizer-lhe repetitivamente, depois de levá-lo ao estado de sugestibilidade (sonolência ou relax) frases assim: - “Você é filho de Deus, foi criado para ser feliz! Sinta como está melhor agora! Descanse um pouco pensando em ser feliz”.

Há também as sugestões relacionadas com a prescrição de medicamentos: - “Você já foi medicado, logo estará bem”. Ou então: - “Vamos aplicar-lhe uma injeção anestésica! Pronto. Já aplicamos. Um brando torpor lhe invade. Não pense em nada. Durma”.

Há momentos dramáticos da doutrinação em que se faz necessário conter advertindo o Espírito em atitude afrontosa e desrespeitosa ao Poder Divino. Quando isso acontecer usará o doutrinador de energia demonstrando sua indignação e exercerá o império da sua vontade com expressões tipo: - “Como você se atreve a afrontar o Todo Poderoso dessa forma, desconsiderando que Ele lhe deu a vida e o conduziu até hoje?”. E caso o Espírito insista, ordenar incisivamente: - “Agora você não mais falará. Ficará, assim, sem voz, por um tempo, para refletir. Pronto, cessou!”.

Se o doutrinador estiver realmente sintonizado com os bons Espíritos, agindo sem qualquer presunção de poder, sem projeção do ego, mas imbuído de compaixão e penetrado por esse amor-força que educa para salvar, ele conseguirá o intento. É preciso que ele possa agir rápido e surpreendentemente para impactar e assim quebrar a força da arrogância, que é desespero, impedindo que a Entidade afunde mais no poço do desequilíbrio.

Um outro tipo de sugestão útil é a que objetiva chamar a atenção do Espírito com relação a quadros ideoplásticos que são construídos e projetados pelos Mentores, a fim de funcionarem como lições educativas para o socorrido.

De igual classificação as próprias presenças de Espíritos familiares trazidos à reunião sobre os quais é preciso alertar, chamar a atenção dos comunicantes para que, induzidos pela sugestão, se desliguem de suas construções mentais e passem a enxerga-los. Usará o doutrinador fórmulas como esta: - “Preste atenção ao que está aí diante dos seus olhos. Estas cenas vão lhe esclarecer a respeito de seu drama”. Ou então: - “Conosco está um ser muito querido”. – “E porque não vejo?” – retrucará o Espírito – “Porque está preso a um excesso de preocupações. Sinta primeiro a presença desse “anjo” amigo. Em quem você está pensando agora?”. Trazido pelo doutrinador ao centro de suas preocupações o Espírito explodirá em júbilo: - “Minha mãe, minha mãe!”. Desligando-se dos vínculos mediúnicos para os braços do ente amado.

Ainda poderíamos falar das providências que se podem adotar para fazer o Espírito perceber onde se encontra, quando disso não se apercebe pelas demoradas aflições oriundas do cenário de onde se originou o trauma que o aflige (um hospital, a cena de um acidente, ou de uma agressão). Dir-lhe-á imperativamente o doutrinador, depois de acolhê-lo: - “Veja onde você está”. – “Não vê que me afogo?” – retrucará o Espírito. – “Isto foi o que lhe aconteceu, mas não está mais acontecendo; venha até o presente. Insisto: verifique onde estamos". - "Quem é você?”. Quem são essas pessoas silenciosas?”. – São amigos que estão orando por você. Percebe agora que o pior já passou?”. E o esclarecimento prosseguirá com um paciente surpreso, porém aliviado.

Por último, alguns breves comentários sobre a auto-hipnose, que nada mais é do que propor ao visitante espiritual, depois de adequadamente preparado, repetir ele mesmo, várias vezes a sugestão libertadora. Por exemplo, proporá o doutrinador: - “Não se deprecie tanto. Depois do arrependimento virá a reparação que antecede a liberdade, porque todos somos filhos de Deus. Repita: “Eu sou filho de Deus, eu sou filho de Deus. Deus me ama”.

Tais expressões últimas, repetidas pelo Espírito, fazem com que uma “janela” se abra para o inconsciente superior sem a necessidade de recorrermos ao escancaramento da “porta” como faz a hipnose plena.

Essa técnica da auto-hipnose, ainda baseada nas propostas de Emile Coué e da escola de Nancy, é a base para as técnicas atuais que fundamentam tantas obras e terapias psicológicas de autoajuda trazias ao mundo por inspiração divina nos tempos atuais.

Concluída esta abordagem sucinta sobre o uso da hipnose nas reuniões mediúnicas, aditaremos só um breve comentário sobre a avaliação da eficiência dessa terapia. A constatação é simples: basta verificar se aconteceram ou não os resultados esperados; se foi ou não aceita sugestão. Respostas positivas, qualidade assegurada.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00607

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 98.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

REGRESSÃO DE MEMÓRIA ESPIRITUAL

101. Temos lido, nas obras de Manoel Philomeno de Miranda e noutros relatos, a respeito de memoráveis atendimentos com regressão de memória espiritual, conduzidos por Mentores espirituais, no plano suprafísico, com médiuns encarnados desdobrados durante o sono. Semelhantes atendimentos podem ser realizados também no plano físico pelas equipes mediúnicas dos Centros Espíritas?

A terapia de regressão de memória espiritual, quando aplicável, é de relevante valor para a recuperação emocional dos Espíritos sofredores da Erraticidade, desde que utilizada adequadamente por terapeutas qualificados. É natural que no Plano Espiritual se disponha de fazerem-na, com os médiuns desdobrados, em reuniões na mesma noite-madrugada após a atividade de intercâmbio espiritual realizada no plano físico.

O equilíbrio e a concentração são assegurados, porque só participam os mais adestrados. Os terapeutas geralmente são Entidades de nomeada, no sentido da competência e da moralidade e que, ainda por cima, já conhecem os fatos que serão evocados, por levantamento prévio realizado nos arquivos do Mundo Espiritual ou diretamente extraídos das mentes dos protagonistas.

Todavia, tais atendimentos podem ser realizados no plano físico, por equipes mediúnicas bem preparadas, funcionando com médiuns doutrinadores experientes, inspirados fortemente por seus Mentores, e médiuns de incorporação bem adestrados e seguros. A falta de um conhecimento amplo dos fatos pode ser suprida, em parte, por informações prévias obtidas no Plano Espiritual, quando médium e doutrinador são advertidos e preparados para esses atendimentos especiais em delineamento.

No passado, antes de o Espiritismo ser trazido à Terra, como ainda hoje onde ele é pouco difundido, o socorro mediúnico era e é feito no Mundo Espiritual. No entanto, o interesse dos Espíritos Superiores é que as distâncias entre esse mundo das causas e o plano físico sejam estreitadas de tal forma que as equipes de encarnados especializados em socorro, sob a inspiração dos Espíritos que as supervisionam e dirigem, possam realizar atendimentos dessa ordem também no Plano Físico. Lembremos da assertiva do Pai nosso: “Seja feita a Tua vontade assim na Terra como no Céu”.

102. Quais os objetivos e finalidades da regressão de memória espiritual como recurso terapêutico nas reuniões mediúnicas?

Trata-se de um recurso desalienador de profundidade que deverá ser usado quando as demais providências se mostrarem insuficientes para remover traumas ou superar o medo de encontrar-se, fazendo vir à tona os porquês de acontecimentos atuais dolorosos, compreendê-los e angariar forças para superá-los.

Nem sempre é fácil para o Espírito recém-liberto dos liames físicos suportar com equilíbrio a cirurgia da desencarnação, que, de um momento para outro, projeta-o pra fora do corpo físico situando-o num habitat totalmente diferente e em condições mentais, emocionais e energéticas com as quais não está acostumado e para as quais não se preparou. E porque, assim, tão fortemente impactado, aliena-se, continuando a experimentar as dores físicas decorrentes das enfermidades que lhe causaram a morte, quando não é o caso de ficar perambulando pelos ambientes físicos da Terra – lares, locais de trabalho, bares e prostíbulos, ruas e prédios públicos – ou ensimesmado nas bolhas psíquicas de seus devaneios, ou ainda projetado nas paisagens astrais sombrias e aterradoras. É clandestino do Mundo Espiritual enquanto não se der conta que está desencarnado. Então, a principal regressão de memória é esta: tomar consciência da desencarnação, pois só se desencarna, de fato, quando a consciência dá-se conta da ocorrência. Isso facilitará, inclusive, a eliminação dos resquícios de vitalidade orgânica aderidos ao perispírito.

Em grande quantidade, esses alienados são trazidos às reuniões mediúnicas para que os ajudemos a se descobrirem como seres desencarnados. Alguns já trazem a suspeita em forma de conflito, facilitando a tarefa do doutrinador. É comum dizerem: - “Não sei o que se passa comigo: falo e ninguém responde; parece que todos enlouqueceram; ou será que fui eu que enlouquecí?”. Dirá o doutrinador: - “Nem eles nem você enlouqueceu. Raciocine: antes não era assim. Isto provavelmente aconteceu depois de sua doença. Alguma coisa ocorreu; algo a que você não está acostumado a pensar”. Retrucará o Espírito: - “Como assim? Será isso a morte?”. O doutrinador confirmará e assistirá o visitante espiritual com bondade, infundindo-lhe confiança e fé no futuro.

Os casos não serão todos tão fáceis assim. Espíritos há que escondem o fato. Pelas reações psicológicas do visitante espiritual, o doutrinador trará o conflito para a consciência ajudando o Espírito a se libertar. O diálogo poderia ser de acordo com o seguinte padrão: O Espírito: - “Por Deus, não entendo o que se passa comigo: depois que dei entrada naquele hospital nunca mais recuperei o equilíbrio. Pior: minha vida parece povoada de sonhos. Estou atordoado”. O doutrinador responderá: - A doença é sempre um convite para que, mesmo lutando pela saúde, pensemos na morte que é uma fatalidade que a todos atinge. Você tem religião? O que você pensa a respeito da morte?”. O Espírito redarguirá: - “Por que você está falando de morte?”. O doutrinador insistirá: - “E por que não falar, se morte é vida? Na minha experiência de lidar com os Espíritos, percebo que muitos deles, embora já mortos, quer dizer, sem o corpo material, continuam vivendo como se nada lhes tivesse acontecido”. O Espírito dirá, surpreso: - Você está querendo informar que eu...”. O doutrinador, interceptando-lhe, complementará: - “(...) que você já está livre da doença... que você já está na pátria onde estão seus entes queridos lhe aguardando... que você já morreu... Não tema, pois os Emissários de Jesus estão ao seu lado amparando-o e, a partir de agora, vão providenciar o que for melhor para você”.

Conduzindo assim, com jeito e delicadeza, a doutrinação, o Espírito terá uma surpresa, mas não um choque, porque, em verdade, no fundo de si mesmo, ele já sabia da sua situação, mas não queria admiti-la.

Há também aqueles que se auto-hipnotizam com a negação da vida espiritual, materialistas que são, não por cogitações intelectuais, mas pelo exagerado apego de quem vive só em função dos sentidos, dos gozos e dos vícios. Estes precisam regredir ao momento da morte, remorrer como afirma Manoel Philomeno de Miranda.

Recentemente, numa das reuniões mediúnicas do Centro Espírita Caminho da Redenção, um Espírito comunicou-se através de uma risada sarcástica e desconcertante. Abordado pelo doutrinador com tato, ele explicava a razão daquele riso: estava divertindo-se com o choro e os lamentos de tantos necessitados que se aglomeravam no posto da Instituição aguardando serem introduzidos para o atendimento. Dizia: - “Eu não sei exatamente o que é isto aqui, mas esses bobocas não passam de uns moleirões para se humilharem tanto assim”. O Espírito, que aparentemente não apresentava nenhum sofrimento visível, de uma hora para outra começou a demonstrar desconforto muito grande, queixando-se de falta de ar e palpitações, dizendo: - “De novo este mal-estar. Parece que aquela dose me fez mal”, ao que o doutrinador completou: - “Uma overdose. Na verdade, naquele momento, você passou para o outro lado, para a Vida Espiritual. Essas crises são reminiscências de sua morte”. Foi então que assistimos o recrudescer daqueles sintomas e o Espírito vivenciou o instante da morte, totalmente descontrolado pela aflição, e o doutrinador a assisti-lo com palavras de conforto, porém afirmando: – “Isto é a morte; não se iluda mais, você está morrendo”.

Outra será a abordagem com os obsessores, pois estes já conhecem a situação em que se encontram. A regressão de memória com eles visa ajuda-los a superar o ódio de suas vítimas, fazendo que vejam a extensão das próprias responsabilidades no drama que vivenciam e que os ódios, reciprocamente alimentados, remontam a um passado muito antigo onde os erros aconteceram de parte a parte.

O Espírito, obstinadamente, poderá colocar-se assim: - “Jamais o perdoarei! O infame arruinou o meu lar e escondeu-se na proteção dos poderosos para se proteger da minha ira. E o pior, continuou a zombar da minha desgraça e da minha impotência para atingi-lo”. O doutrinador, depois de argumentar e conclamá-lo ao perdão como uma providência que seria útil a ele mesmo, para amenizar-lhe os sofrimentos, poderá desviar o diálogo preparando já uma possível regressão de memória. E sugerirá: - “Um dia você vai precisar revolver as suas memórias para ver o porquê disso tudo, quando poderá constatar não ter sido você melhor do que seu desafeto”. O Espírito retrucará: - “Não o creio. Você o defende porque o não conhece”. O doutrinador dirá com império, embora respeitosamente: - “Se você não crê será o caso de nos lembrarmos agora. Você vai lembrar-se; relaxe e veja o passado; ele está aí diante de você como um quadro vivo”.

Normalmente, quando o doutrinador está inspirado e controlado por seu Mentor, a sugestão hipnótica funciona e o Espírito, antes sereno, começa a deblaterar. Muitos dizem: - “Não pode ser; esse não sou eu. Isso é uma bruxaria”. E o doutrinador encerrará o caso, afirmando: - “Não fuja à própria consciência. Você está diante de si mesmo. Confie sua vida a Deus, e perdoe. Agora é preciso dormir um pouco, mas quando acordar, você se lembrará desse momento com uma emoção diferente. Agora durma, durma...”.

103. Existem técnicas facilitadoras para a regressão de memória espiritual?

A técnica fundamental para fazer com que um Espírito incursione no seu passado, a fim de libertar-se de conflitos e traumas, é, sem dúvida, a sugestão que poderá ser induzida, ou não, por passes. Convém salientar, todavia, que a maior contribuição ao processo provém dos Mentores Espirituais, inspirando os doutrinadores, produzindo por ideoplastia quadros e cenas para serem observados pelas Entidades assistidas ou facultando a visão de seres espirituais a elas vinculados, quando tais presenças possam facilitar a eclosão das lembranças ou infundir coragem para os pacientes se desvelarem. A contribuição do médium no processo é relevante quando se mantém equilibrado ao receber a carga emocional produzida pela grande excitação de que é acometido o comunicante, permitindo-se, mesmo assim, liberar energias calmantes e estabilizadoras.

Uma advertência final: o doutrinador, nos casos de regressão de memória espiritual, deverá estar absolutamente seguro da intuição emanada da ascendência dos Bons Espíritos a fim de que resultados expressivos possam ser alcançados.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00751

* Bibliografia: Diálogo com as Sombras, Hermínio C. Miranda, página 67.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

O DOUTRINADOR

Num grupo mediúnico, chama-se doutrinador a pessoa que se incumbe de dialogar com os companheiros desencarnados necessitados de ajuda e esclarecimento. Qualquer bom dicionário leigo dirá que doutrinar é instruir em uma doutrina, ou, simplesmente, ensinar. E aqui já começamos a esbarrar nas dificuldades que a palavra doutrinador nos oferece, no contexto da prática mediúnica.

Em primeiro lugar, porque o espírito que comparece para debater conosco os seus problemas e aflições, não está em condições, logo aos primeiros contatos, de receber instruções doutrinárias, ou seja, acerca da Doutrina Espírita, que professamos, e com a qual pretendemos ajuda-lo. Ele não vem disposto a ouvir uma pregação, nem predisposto ao aprendizado, como ouvinte paciente ante um guru evoluído. Muitas vezes ele está perfeitamente familiarizado com inúmeros pontos importantes da Doutrina. Sabe que é um Espírito sobrevivente, conhece suas responsabilidades perante as leis universais, admite, ante evidências que lhe são mais do que óbvias, os mecanismos da reencarnação, reconhece até mesmo a existência de Deus. Quanto à comunicabilidade entre encarnados e desencarnados, ele nem discute, pois está justamente produzindo uma demonstração prática do fenômeno, e seria infantilidade de sua parte tentar ignorar a realidade.

Portanto, o companheiro encarnado, com quem estabelece o diálogo, não tem muito a ensinar-lhe, em termos gerais de doutrina.

Por outro lado, o chamado doutrinador não é o sumo-sacerdote de um culto ou de uma seita, que se coloque na posição de mestre, a ditar normas de ação e a pregar, presunçosamente, em estágio ideal de moral, que nem ele próprio conseguiu alcançar. A despeito disso, ele precisa estar preparado para exercer, no momento oportuno, a autoridade necessária, que toda pessoa incumbida de uma tarefa, por mais modesta, deve ter. Não se esquecer, porém, de que, no grupo mediúnico, ele é apenas um dos componentes, um trabalhador, e não mestre, sumo-sacerdote ou rei.

Sua formação doutrinária é de extrema importância. Não poderá jamais fazer um bom trabalho, sem conhecimento íntimo dos postulados da Doutrina Espírita. Entre os Espíritos que lhe são trazidos para entendimento, há argumentadores prodigiosamente inteligentes, bem preparados e experimentados em diferentes técnicas de debate, dotados de excelente dialética. Isto não significa que todo doutrinador tem de ser um gênio, de enorme capacidade intelectual e de impecável formação filosófica. A conversa com os Espíritos desajustados não deve ser um frio debate acadêmico. Se o dirigente encarnado dos trabalhos está bem familiarizado com as obras fundamentais do Espiritismo, ele encontrará sempre o que dizer ao manifestante, ainda que não esteja no mesmo nível intelectual dele. O confronto aqui não é de inteligências, nem de culturas, é de corações, de sentimentos. O conhecimento doutrinário torna-se importante como base de sustentação. O doutrinador precisa estar convencido de que a Doutrina Espírita dispõe de todos os informes de que ele necessita para cuidar dos manifestantes em desequilíbrio, mas isso não é tudo, porque ele pode ser um bom conhecedor dos princípios teóricos do Espiritismo e ser completamente desinteressado do aspecto evangélico; ou ainda, conhecer a doutrina e recitar prontamente qualquer versículo evangélico, mas não apoiar o seu conhecimento na emoção e no legítimo desejo de servir e ajudar. Voltaremos ao assunto quando tratarmos do problema específico da doutrinação. Os espíritos em estado de perturbação, que nos são trazidos às sessões mediúnicas, não estão, logo de início, em condições psicológicas adequadas à pregação doutrinária, como já dissemos. Necessitam aflitivamente de primeiros socorros, de quem os ouça com paciência e tolerância. A doutrinação virá no momento oportuno, e, antes que o doutrinador possa dedicar-se a este aspecto específico, ele deve estar preparado para discutir o problema pessoal do espírito, a fim de obter dele a informação de que necessita. É nesse momento que ele precisa utilizar-se de seus conhecimentos gerais, intercalando aqui e ali um pensamento evangélico que se adapte às condições desenvolvidas no diálogo.

Isto nos leva a outro aspecto importante: o “status” moral do doutrinador. Sua autoridade moral é importante, por certo, mas qual de nós, encarnados, ainda em lutas homéricas contra imperfeições milenares, pode arrogar-se uma atitude de superioridade moral sobre os companheiros mais desarvorados das sombras? Ainda temos mazelas e ainda erramos gravemente. O Espírito que debate conosco sabe de nossas inúmeras fraquezas, tanto quanto nós, e até mais do que nós, às vezes, por serem, frequentemente companheiros de antigas encarnações, em que fomos, talvez, comparsas de desacertos hediondos. Ele nos vigia, observa-nos, analisa-nos e estuda-nos, de uma posição vantajosa para ele: na invisibilidade. Tem condições de aferir nossa personalidade e nossos propósitos, pela maneira como agimos em nosso relacionamento com os semelhantes. Percebe mais as nossas intenções, a intensidade e a sinceridade do nosso sentimento, do que o mero som das palavras que pronunciamos. Se estivermos recitando lindos textos evangélicos, sem sustentação na afeição legítima, ele o saberá também.

Muitas vezes, refere-se desabridamente a uma ou outra fraqueza nossa, como, por exemplo:

- Você não tem força para deixar o vício de fumar, como quer me obrigar a deixar de perseguir aquele que me prejudicou?

Ou então, nos lembra uma situação irregular em que nos encontramos, ou um erro mais grave cometido no passado recente, ou crimes que praticamos em vidas pregressas. Tudo serve. É preciso que o doutrinador esteja preparado para estas situações. Não adianta exibir virtudes que não possui ainda. Deve lembrar-se, porém, de que somos julgados e avaliados, não pelos resultados que obtemos, mas pelo esforço que realizamos para alcança-los. Não é preciso ser santo, para doutrinar. Aqueles que já se purificaram a esse ponto, dedicam-se a tarefas mais complexas, de maior responsabilidade, compatíveis com o adiantamento espiritual que já alcançaram.

Por outro lado, não podemos esperar a perfeição para ajudar o irmão que sofre. É exatamente porque ainda somos tão imperfeitos quanto ele, que estamos em condições de servi-lo mais de perto. Muitos são desafetos antigos, que ainda não nos perdoaram. É aqui que vemos a validade da palavra sábia do Cristo:

- Reconcilia-te com teu adversário, enquanto estás a caminho com ele.

Não podemos impor ao companheiro infeliz uma superioridade moral inexistente. O doutrinador é também um ser falível e consciente das suas imperfeições, mas isto não pode e não deve inibi-lo para a tarefa. É preciso levar em conta, ainda, que muitos companheiros espirituais desarvorados, que nos conheceram em passado tenebroso, veem em nós mais aqueles que fomos do que o que somos hoje, ou pretendemos ser. Se tivermos paciência e tolerância, o manifestante acabará por admitir que, mesmo que ainda não tenhamos alcançado os estágios superiores da evolução, nossa boa intenção é legítima, o esforço que desenvolvemos é digno, e nos respeitarão por isso.

O doutrinador precisa, ainda, ser uma criatura de fé viva, positiva, inabalável. Ele não pode dar aquilo que não tem. Se me perguntassem qual o elemento mais importante na estrutura da personalidade do doutrinador, eu não saberia dizer, mas ficaria indeciso entre a fé e o amor (...). Que tipo de fé? A fé espírita, tal como a conceituou Kardec: sincera, convicta, lógica, plenamente suportada pela razão, mas sem se deixar contaminar pela frieza hierática do racionalismo estéril e vazio (...).

(...) Sem ela o doutrinador estará desarmado, despreparado para a sua tarefa, por mais bem-dotado que seja, com relação aos demais atributos necessários à sua função.

Ele precisa ser confiante nos poderes espirituais que sustentam o seu trabalho, sem os quais nenhuma tarefa de desobsessão é possível, e todos os riscos são iminentes e inevitáveis. Ele tem de saber que, ao levantar-se para dar um passe, a fé lhe trará os recursos de que necessita para servir. Ele deve sabe que, ao formular sua prece, vai encontrar a respostas ao que implora, em benefício do companheiro que sofre.

Além disso, é a fé que lhe dá o apoio da confiança de que ele precisa para aventurar-se pelas ásperas e tenebrosas regiões do mais terrível sofrimento, do mais angustioso desespero, da mais violenta revolta. Se não tem fé, não estará em condições de realizar o trabalho a que se propõe.

Outro ingrediente necessário, na psicologia do doutrinador, é o amor. Não é por acaso que nos textos evangélicos caridade e amor são tratados como sinônimos. Impossível seria considerar a caridade sem o amor, tanto quanto o amor descaridoso (...).

É desse amor-doação que precisa o doutrinador. Do amor que, segundo o Cristo, devemos sentir, com relação aos nossos próprios inimigos. É isto bem verdadeiro, no aso da doutrinação de espíritos conturbados, porque, ao se apresentarem diante de nós, vêm com a força e a agressividade de inimigos implacáveis. Se respondermos à sua agressividade com a nossa, o trabalho se perde e desencadeamos contra nós a reação sustentada de cólera, do rancor, do ódio. Sem nenhuma figura de retórica, é preciso ter, no trabalho de desobsessão, a capacidade de amar os inimigos.

- “É preciso – escrevia eu em “Reformador” de fevereiro de 1975 – ter muito amor e dar, para distribuí-lo assim, indiscriminadamente, a qualquer companheiro espiritual que se manifeste. Muitas vezes, o médium doutrinador não se encontra, na sua vida de encarnado, cercado pelo sentimento de afeição de familiares e companheiros. Tem seus parentes, vive rodeado de conhecidos, no ambiente de trabalho, mas não conta com grandes afeições e dedicações. A sustentação do s eu teor vibratório, no campo do amor, deverá vir de Cima, e, para isso, precisa estar ligado aos Planos Superiores, que o ajudam e assistem à distância. Sem amor profundo, pronto na doação, incondicional, legítimo, sincero, é impraticável o trabalho mediúnico realmente produtivo e libertador.

É claro que estas observações são válidas para todos os componentes do grupo, mas particularmente se dirigem ao doutrinador, porque é ele o seu porta-voz, é nele que os Espíritos desequilibrados identificam a petulante intenção de interferir com seus planos pessoais, é ele, usualmente, o responsável pela direção dos aspectos, por assim dizer, terrenos, do trabalho. É lógico e natural, portanto, para os irmãos desorientados, que se concentre no doutrinador grande parte do esforço de envolvimento, bem como suas cóleras e suas ameaças. O médium doutrinador tem que devolver todo esse concentrado ataque vibratório, transformado em compreensão, tolerância e, principalmente, amor fraterno.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00752

* Bibliografia: Diálogo com as Sombras, Hermínio C. Miranda, página 74.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

O DOUTRINADOR

(...) Prossigamos, no entanto, ainda no exame dos componentes morais e psicológicos da personalidade de um bom doutrinador.

Se não dispuser de um mínimo de aptidões, o candidato a tal função deve procurar desenvolvê-las, ou assumir outra tarefa, para a qual seus recursos pessoais sejam mais adequados. Uma dessas virtudes é a **paciência**. Não pode ele, sem prejuízo sério para o seu trabalho, atirar-se sofregamente ao interrogatório do Espírito manifestante. Tem que ouvir, aturar desaforos e impropérios, agressões verbais e impertinências. Tem que aguardar o momento de falar. Para isso, necessita de outra qualidade pessoal, não particularmente rara, mas que precisa ser cultivada, quando não despertada: a **sensibilidade**, que o levará a **sentir** pacientemente o terreno estranho, difícil e desconhecido em que pisa, as reações do Espírito, procurando localizar os pontos em que o manifestante, por sua vez, seja mais sensível e acessível. Isto se faz com uma qualidade pessoal chamada **tato**, segundo o qual, vamos, pela observação cuidadosa, serena, nos informando de determinada situação ou acontecimento, até que estejamos seguros de poder tomar uma posição ou uma decisão sobre o assunto.

A paciência, a sensibilidade e o tato nos facultam as informações que buscamos, mas não disparam, por si mesmos, os mecanismos da ação, ou seja, não nos indicam a providência e tomar, posição que poderíamos chamar de **energia**, que deve ser controlada e oportuna. Há de chegar-se a um ponto, na doutrinação, em que se torna imperiosa a tomada de uma atitude firme, enérgica, que não pode ser contundente, nem agressiva. É a hora da energia, e o momento tem que ser o certo. Nem antes, nem depois da oportunidade. Veremos isto, quando cuidarmos do trabalho propriamente dito.

Há mais ainda.

O doutrinador deve estar em permanente estado de **vigilância**, na mais ampla acepção do termo. Vigilância quanto aos seus próprios sentimentos e pensamentos, quanto às suas suposições e intuições, quanto ao que se contém nas entrelinhas do que diz o manifestante, quanto ao que ocorre à sua volta, com os demais componentes do grupo, quanto à sua própria conduta, não apenas durante o trabalho mediúnico, propriamente dito, mas no seu proceder diário. Convém repetir: não precisa ser um santo, e não o será mesmo. Vigilância e boa intenção não são santidade. O doutrinador precisa servir em estado de alertamento constante.

Uma questão cabe introduzir aqui: convém que ele disponha de alguma forma de mediunidade ostensiva? Em Espiritismo, não há posições dogmáticas. Minha opinião pessoal é a de que algumas formas de mediunidade são desejáveis. Colocaria em primeiro lugar a intuitiva, através da qual o doutrinador possa receber as inspirações de seus amigos espirituais, responsáveis pelo trabalho, e desenvolvê-las junto ao manifestante, com seus próprios recursos e suas próprias palavras.

Em segundo lugar, poria a vidência, que certamente auxiliará na visão de cenas e quadros, ou da aparência pessoal do Espírito manifestante e de seus eventuais companheiros. Será também útil dispor da faculdade de clariaudiência, e, neste caso, ouviria diretamente as instruções e “recados” do mundo espiritual, que fossem de interesse para o seu trabalho. Isto, porém, não o coloca inteiramente a salvo de alguma palavra, soprada desavisadamente, que o leve a falsos caminhos.

Creio poder afirmar que não seria desejável qualquer forma de mediunidade que colocasse o dirigente, ou doutrinador, em estado de inconsciência. Ele precisa manter-se lúcido durante todo o período de trabalho.

Uma confreira, experimentada nas lides espíritas, contou-me que certa vez se encontrou ante a contingência de dirigir uma sessão de desobsessão. Relutantemente, concordou em assumir o encargo, pois temia que sua ostensiva mediunidade de incorporação interferisse com a boa marcha do trabalho. Realmente, foi o que aconteceu. Ao iniciar a tarefa do diálogo com um Espírito manifestante, começou a sentir-se envolvida, perdeu o fio da conversação e, sentindo-se girar “como um parafuso” – disse ela –, daí a pouco estava, por sua vez, também incorporada, criando certo pânico na sessão. Depois dessa experiência, ela passou a recusar, com firmeza, qualquer solicitação para funcionar como doutrinadora, dedicando-se a outras atividades, tão nobres quanto essa, para as quais estava perfeitamente preparada, com a abençoada mediunidade de cura. Suponho que, por isso, a faculdade mais comumente encontrada num doutrinador é, precisamente, a intuição. Se ele procura sintonizar-se com o mundo espiritual, esta via de comunicação bastará ao seu trabalho. Por ela, seus companheiros mais esclarecidos se comunicarão, com eficiência e oportunidade, para a ajuda de que ele não pode prescindir. De uma vez por todas, tiremos de nossa cabeça a noção falaz de que o bom doutrinador pode dispensar a colaboração dos Espíritos Superiores. Mais de uma vaidade tem sido explodida por causa disso, e não poucas obsessões pertinazes têm resultado dessa ingênua e perigosa imaturidade. Já fazemos muito quando não atrapalhamos os dedicados companheiros da Espiritualidade Maior. Se manifestamos a tola pretensão de dispensar-lhes a ajuda, eles se afastarão, com tristeza, é certo, mas com serenidade e sem remorsos, de vez que jamais impõem a sua presença, nem a sua vontade. Não há bom doutrinador sem a colaboração e o apoio dos Espíritos mais esclarecidos. E, em breve, não haverá nem bom nem mau, porque o pretensioso ficará literalmente aniquilado pela obsessão ou pela fascinação de Espíritos ardilosos, que se apresentam com nomes pomposos e se arvoram, por sua vez, em doutrinadores do doutrinador, pregando estranhas e confusas ideias.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00753

* Bibliografia: Diálogo com as Sombras, Hermínio C. Miranda, página 77.

REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

O DOUTRINADOR

(...) Outra faculdade necessária ao doutrinador: a **humildade**. Ele vai precisar dela, com frequência impressionante. A princípio, para aceitar as ironias, agressões e impertinências dos pobres irmãos atormentados. Depois, se e quando conseguir convencer, o companheiro, de seus enganos e de seus erros, para não assumir a atitude do vencedor que pisa na garganta do vencido, para mostrar o seu poder e confirmar a sua vaidade e seu orgulho. É a partir do momento em que o turbulento manifestante de há pouco se converte em verdadeiro trapo humano, arrependido e em pranto, que o doutrinador deve mostrar toda a sua compaixão humilde e o seu respeito pela dor alheia.

Tem, ainda, que ser humilde no aprendizado. Cada manifestação traz a sua lição, a sua informação, a sua surpresa. Em trabalho mediúnico, estamos sempre aprendendo e nunca sabemos o suficiente. Se não nos aproximarmos dele com humildade, pouco ou nenhum progresso conseguiremos realizar.

A humildade é necessária, também, quando não conseguimos convencer o companheiro infeliz. Precisamos estar preparados para a derrota, em muitos casos. Nada de pretensões tolas de que o trabalho foi cem por cento positivo. Claro que positivo, em sentido genérico, ele sempre o é. Mesmo naquele que não conseguimos demover de seus propósitos, se tivermos tido habilidade e tato, teremos realizado, no seu coração, a sementeira da verdade. Um dia – não importa quando – ele vai lembrar-se do que lhe dissemos e conferi-lo com a realidade. Não contemos, porém com o êxito total da conversão imediata e definitiva, ao amor, de todos os Espíritos que nos são trazidos. Muitos daqueles dramas, que se desenrolam diante de nós, arrastam-se há séculos. Não se ajustam em minutos de conversa. Humildade, pois, para aceitar esses casos e continuar lutando. Não somos super-homens, nem semideuses.

Humildade, ainda, quando precisarmos reconhecer o potencial intelectual do irmão espiritual com o qual nos defrontamos. E isso é muito frequente. Não quer dizer que nos devamos curvar servilmente diante dele, rendendo homenagens à sua inteligência e ao seu conhecimento; quer dizer que precisamos admitir, às vezes, que não estamos em condições de superá-lo naquilo que constitui o seu ponto forte. Nem é essa a técnica recomendada. Suponhamos que compareça, para conversar conosco, um Espírito de elevada cultura, que lecionou em Faculdades, ocupou assentos em Academias, recebeu, enfim, as honrarias que tantos buscam, em vez da paz interior. Não é no terreno dele que nos vamos medir, não é discutindo Filosofia, com ele, que vamos convencê-lo de seus enganos. Nesse campo, ele dispõe de mais recursos do que nós. E foi justamente o debate inútil e o vão filosofar que arruinaram sua vida espiritual. Ele precisa de atenção, fraternidade, respeito e sinceridade, não de debates estéreis, nos quais facilmente nos vencerá, para consolidar a sua vaidade lamentável. Um pouco de humildade, da nossa parte, o levará a respeitar-nos também, enquanto a exibição inútil de precários conhecimentos filosóficos, e de medíocre cultura intelectual, só poderá estimular nele o desprezo por nós e pela nossa posição. Nada, pois, de aparentar o que ainda não somos. E, mesmo que o fôssemos, a humildade, ainda assim, seria indicada.

Lembremos ainda uma qualidade: o destemor. Já disse alhures que, em trabalho mediúnico, temos que ser destemidos, sem ser temerários. Coragem não é o mesmo que imprudência.

* O destemor é de extrema utilidade nas tarefas de doutrinação. Fustigados pela interferência dos grupos mediúnicos em seus tenebrosos afazeres, os Espíritos violentos comparecerão possuídos de irritação, rancor e ódio, mesmo. Manifestam-se aos berros, dão murros na mesa, ameaçam céus e terras, procuram intimidar e propõem-se a vigiar-nos implacavelmente, a atacar nossos pontos fracos ou fazer um cerco impiedoso em torno de nossa família, provocar acidentes, doenças, perturbações. O arsenal de ameaças é vasto, e eles manipulam, com extrema sagacidade, as armas da pressão. Se nos deixarmos impressionar pelas verdadeiras cenas que fazem, estaremos realmente perdidos, porque nos colocaremos na faixa vibratória desejada por eles. Os benfeitores espirituais sempre nos advertem, de maneira tranquila e segura:

- Nada de temores infundados. Sofremos apenas aquilo que está nos nossos compromissos espirituais, e não em decorrência do trabalho de desobsessão.

- É verdadeiro, isso. Seria injusto, por parte das leis supremas, que, evidentemente, governam o Universo, se a paga da dedicação ao irmão que sofre resultasse em sofrimento indevido e em punição imerecida. Estariam subvertidos todos os princípios da Justiça Divina, se assim fosse. É até possível que uma ou outra, das ameaças esbravejadas contra nós, se cumpra, ou seja, aconteça acidentalmente, como doença inesperada em um de nós, ou em membro da nossa família. Estejamos certos de que, na sessão seguinte, virá de novo o irmão infeliz, para se vangloriar:

- Eu não disse?

Não tema, siga em frente. O trabalho está sob a proteção de forças positivas e abençoadas. Isto, porém, não significa que deveremos e poderemos deixar cair as guardas. A proteção existe, mas não para dar cobertura à imprudência, à irresponsabilidade.

Não custa, pois, anotar mais uma das aptidões necessárias ao bom desempenho do trabalho mediúnico, em geral, e do doutrinador, em particular: a **prudência**.

Se, porém, um acontecimento desagradável realmente acontecer conosco, ou com alguém da nossa convivência, nitidamente ligado ao trabalho mediúnico, nem assim devemos nos desesperar e intimidar: estejamos certos de que estava já nos nossos compromissos, e mais: os recursos socorristas virão, sem dúvida alguma.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00677

* Bibliografia: Qualidade na Prática Mediúnica, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 60.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

QUALIDADE

76. Recentemente, Joanna de Ângelis apresentou uma proposta de responsabilidades para o Centro Espírita baseada numa trilogia: Espiritizar, Qualificar e Humanizar. Será possível resumir a proposta do Espírito Amigo?

Esses conceitos foram apresentados por primeira vez, pelo médium e tribuno baiano Divaldo Franco, inspirado pela Benfeitora Espiritual, em memorável palestra pública, sendo, mais tarde, colocados em letra de forma num opúsculo intitulado Novos Rumos para o Centro Espírita, publicado pela Livraria Espírita Alvorada Editora.

Preparando a apresentação da tese, Divaldo evoca, na palestra, o lema kardequiano: Trabalho, Solidariedade e Tolerância, lembrando-nos que o Codificador o houvera tomado de empréstimo a Pestalozzi, o grande educador, pai da Escola Nova, quando este afirmara que “o êxito da educação é consequência de três elementos indissociáveis: o Trabalho, a Solidariedade e a Perseverança”. O último conceito – perseverança – Pestalozzi o escolhe porque entendia que o esforço de educar impõe ao educador as disciplinas da paciência, da determinação de repetir a lição o quanto fosse necessário para fixa-la. E Kardec, ao adaptá-lo para tolerância, pensava certamente numa direção equivalente, pois os convertidos ao Espiritismo viriam das várias correntes do Pensamento e da Religião, com seus limites, possibilidades e idiossincrasias e iriam precisar de tolerância recíproca para se ajustarem à ideia nova que estariam interessados em construir e a ela vincular-se.

No entendimento de Divaldo, as duas propostas, a de Kardec e a de Pestalozzi, representam um convite à união. Afirma ele: “a solidariedade é o passo que leva de imediato à união... Os espíritas devem se unir, consoante a recomendação de Jesus, no sentido de formarem um feixe de varas, invencível, pois jamais poderia ser quebrado, enquanto no conjunto formando uma unidade”.

Kardec há de ter pensado no Centro Espírita como uma célula viva e pulsante, lugar de trabalho (para todos), de solidariedade (entre todos) e de tolerância (para com todos) ou, quem sabe, nesse sentido moderno como tem sido concebido pelos idealistas que vieram depois dele: uma escola, uma oficina, um hospital (de almas) e um templo, simultaneamente, diferente das práticas de alguns distraídos ou equivocados que fazem do Centro Espírita um lugar onde se frequenta simplesmente para receber benefícios. Esta falsa concepção de um certo modo tem sido estimulada quando se institucionalizam na Casa Espírita as práticas clientelistas, as promessas de curas, o descompromisso para com a participação responsável, além de outras práticas de massificação, dificultadoras do processo de conscientização e de adesão real de quantos se adentram por semelhantes portas, sofrendo a influenciação de tão inoportunos exemplos.

Então o espiritizar, o qualificar e o humanizar constituem um novo lema, filho dos anteriores, não para instituir novidades, mas para resgatar Kardec, a forma como ele idealizou o Centro Espírita, e Jesus, a forma como Ele idealizou a Igreja Viva a que Paulo de Tarso se referira, inspirado, que não é de pedra e cal, mas de gente, de irmãos que se devem amar entre si como Ele a todos amou.

Espiritizar, na proposta de Joana de Ângelis, tem esse sentido de resgate, de atrair a pessoa que apenas frequenta para que se torne praticante, adotando o Espiritismo e não querendo ser por ele adotado, de permitir-se que o Espiritismo entre nela e não apenas entrar no Espiritismo. Mas, também, espiritizar tem o sentido de viver o Espiritismo como ele é, na sua essência, sem adulterações, modismos, sincretismos, sem adaptações ou concessões a outras correntes de ideias, por mais respeitáveis sejam ou pareçam. Existem propostas muito boas, mas no lugar onde elas estão; se transplantadas para o Espiritismo se perecem, além de asfixiarem o Movimento Espírita.

Divaldo afirma: “Joanna de Ângelis, com muita veemência, teve a oportunidade de nos propor a espiritização de nossa Casa, porque, se o indivíduo vai ao templo budista ali estão as suras do pensamento de Sakia Muni, o grande príncipie Sidartha Gautama. Se vai a uma entidade protestante encontra a presença da Bíblia. Se vai a um culto católico, submete-se aos dogmas da Igreja... Por que a Casa Espírita deverá ser o lugar de ninguém, o recinto no qual tudo é válido, como se fosse o tour de force para que cada qual exiba aquilo que lhe aprouver...?”.

A segunda proposta de Joanna de Ângelis é a qualidade, este conceito moderno que é quase uma doutrina, uma metodologia científica para se alcançar resultados exitosos, mas que já fazia parte (como faz) do pensamento espírita, graças à visão grandiosa e notável de Allan Kardec. Diz Divaldo: - “Para que nos tornemos espíritas, deveremos adotar a qualidade de uma pessoa de consciência... buscar a qualificação espírita, e tentar saber realmente o que é o Espiritismo... procurar melhorar as qualidades morais, sociais, familiares, as funcionais e as de trabalhador da Casa Espírita...”. Aliás, essa ideia de competência, oposição à pressuposição de que a boa-vontade basta, lembra Goethe, o célebre poeta alemão, quando propôs que nada há pior do que a pessoa de boa vontade sem conhecimento, pois atrapalha mais do que ajuda.

A terceira proposta é o humanizar, que representa o sentimento de humanidade, de caridade. É o saber oferecer-se, despersonalizar-se, libertando-se do ego e colocando-se no lugar do outro para o ajudar com prazer, com alegria. Enfim, perceber que tudo o que se faz há de visar o homem, a qualidade de vida, e não aliar-se à filosofia chã dos resultados pelos resultados. O humanizar reflete bem a solidariedade do lema de Kardec, e a tolerância também, que não é conivência, não sacrifica a verdade nem o amor, a nada nem a ninguém.

Encerra brilhantemente a sua proposição com as seguintes palavras: - “Com esses requisitos eu devo ser bom, nobre, justo, paciente, gentil, e se eu tiver algumas dessas qualidades, já terei o suficiente para ser um homem de bem, embora outras tantas ainda me faltem, mas que eu procurarei conquistar através dos tempos futuros”.

77. E como deveremos aplicar a trilogia de Joanna de Ângelis nas questões da prática mediúnica?

Espiritizar: porque prática mediúnica espírita é para espíritas convictos, integrados na Casa Espírita. Não é para curiosos, amantes de benefícios, apelantes sistemáticos, distraídos em relação à transformação moral, muito menos para os “amadores de comunicações”, interessados tão somente em fenômenos. Prática mediúnica espírita é para os verdadeiros espíritas, interessados em espiritizar-se cada vez mais. Nenhum elitismo, nem preconceito, mas coerência doutrinária, zelo pelo investimento da fé. Nela não comportam: superstições, concessões indébitas ao sincretismo religioso; mas pura e simplesmente os procedimentos espíritas, na sua simplicidade e naturalidade, conforme herdamos das tradições kardequianas e que os bons Espíritos, com o auxílio dos homens, vêm atualizando ao longo dos anos.

Qualificar: sobre este item, basta-nos lembrar o que o Codificador estabeleceu: - “As comunicações de além-túmulo cercam-se de maiores dificuldades do que geralmente se crê: não estão isentas de inconvenientes e perigos para os que não têm a necessária experiência. Sucede o mesmo a quem se mete a fazer manipulações químicas sem conhecer a Química: corre o risco de se queimar os dedos” (O que é o Espiritismo, Allan Kardec).

Humanizar: porque se exige do candidato já adepto, além de uma base intelectual, uma preparação emocional para o serviço de cooperação com os Espíritos, trabalho esse que tem por objetivo o homem, a sua transformação moral, e a da humanidade, a sua conversão ao bem, através da crença e do amor.

A falta desses critérios, que aparecem ampliados nesta Obra, tem conduzido ao desastre alguns experimentos mediúnicos, a que, de certo modo, emperra a marcha do Movimento Espírita, na atualidade.

Enquanto a questão da Prática Mediúnica não for equacionada e conscientizada, libertando-a de atavismos e crendices, o Movimento Espírita estará freado em sua marcha, permanecendo vulnerável às críticas, e retardando a obra de implantação do Espiritismo na Terra.

78. Quais as diretrizes a serem seguidas por uma equipe mediúnica para alcançar um padrão de qualidade ideal em seus trabalhos de intercâmbio espiritual?

A ideia de qualidade, pode-se dizer, nasce com a estruturação do próprio grupo mediúnico, antecedendo as primeiras gestões concretas para organizá-lo. Uma vez iniciado o seu funcionamento, deve-se incorporá-la à consciência de todos os seus membros, como um dever inalienável.

Consegue-se o intento, quando cada um dos seus integrantes esforça-se por aprimorar-se no exercício da função que desempenha, cabendo ao dirigente definir os padrões inerentes a cada função bem como os parâmetros de avaliação, indicadores desses resultados felizes que se almejam, os quais, cada um se encarregará de verificar em si mesmo e por si mesmo, numa atitude permanente de reflexão e de autocrítica.

Não deve ser cultivada pela Direção, nem pelo grupo, o hábito de identificar responsáveis ou culpados pela qualidade insatisfatória mas, ao contrário, envidar-se-ão esforços no sentido de resolver os problemas detectados, erradicando-se-lhe as causas através de estudos, encontros, seminários, para troca de experiências e, também, ajustando-se a capacidade de cada membro às expectativas da função que desempenha.

Imprescindível que a equipe não se acostume a conviver com erros ou deficiências, ao invés disso criando mecanismos rápidos para identifica-los e corrigi-los até atingir-se um estágio mais avançado em que semelhantes falhas sejam evitadas pelas ações preventivas adotadas pelo grupo.

79. Existem padrões de qualidade inerentes a cada função de que se compõe uma equipe mediúnica e outros, genéricos, inerentes a todas as pessoas de grupo. Fale-nos a respeito destes últimos?

Sobre esses padrões genéricos relacionados a toda equipe mediúnica, independentemente de função, já nos referimos no primeiro livro da série Projeto Manoel Philomeno de Miranda, intitulado Reuniões Mediúnicas, na sua Segunda Parte.

Poderíamos agora, para melhor entendimento e à guisa de reforço, reuni-los em dois grupos: o primeiro, identificado com o conjunto das qualidades humanas e nele incluiríamos as inerentes à boa moral e à afetividade, que são valores capazes de promover a amizade e a cordialidade, bases essenciais para qualquer labor em equipe que tenha por meta um ideal elevado. O segundo, a consciência dos princípios fundamentais da atividade mediúnica, que são as noções de missão, objetivos e finalidades, conceitos estes que devem estar na mente de todas as pessoas que vivenciam a mediunidade, além da percepção clara dos compromissos que é preciso assumir para o êxito almejado, dentre os quais se incluem a ação no bem, o estudo, a oração, a meditação e outras disciplinas preparatórias.

80. Pode-se conceituar cada um dos princípios fundamentais da atividade Mediúnica citados na questão anterior?

Missão: tomaríamos, a partir dos ensinos dos Espíritos, como sendo a regeneração da Humanidade através da canalização do pensamento dos Mentores Espirituais, sob o comando de Jesus, no seio das ideias humanas para fecunda-las de modo a promover ou acelerar o crescimento ético-moral das criaturas. Neste particular, a missão da mediunidade se confunde com a do Espiritismo.

Objetivos: são as três grandes propostas do Codificador: instrução dos encarnados, erradicação da incredulidade e o trabalho terapêutico de aconselhamento aos Espíritos que sofrem e aos que fazem sofrer.

Finalidades: tomamo-las ao pensamento de Manoel Philomeno de Miranda, Espírito, na obra TEMAS DA VIDA E DA MORTE. Para os encarnados são as lições proveitosas que a prática mediúnica proporciona, a melhor compreensão da lei de causa e efeito que o fato mediúnico traz à tona em lições vivas, o exercício da caridade e da fraternidade anônimas entre os membros da prática mediúnica e destes em relação aos desencarnados que não vemos, sensibilizando-nos para ajudar aos que vemos e, por fim, a conquista de amizades entre os Espíritos que se comunicam conosco.

Para os desencarnados é o alívio de seus sofrimentos, para aqueles que não têm condições de sintonizar diretamente com os bons Espíritos, conseguindo-o através dos médiuns e doutrinadores, através do diálogo, do choque fluídico, das cirurgias perispirituais.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00547

* Bibliografia: Opinião Espírita, Emmanuel e André Luiz/Chico Xavier e Waldo Vieira, página 73.
* REFERÊNCIA: a) 2ª Parte – Capítulo XV – Item 182 – Médiuns Escreventes ou Psicógrafos – Médiuns Mecânicos, Intuitivos, Semi-mecânicos, INSPIRADOS OU INVOLUNTÁRIOS – De Pressentimentos (Livro dos Médiuns, página 199).

AO MÉDIUM DOUTRINADOR

Meu amigo.

Considera na mediunidade uma poderosa alavanca de expansão do Espiritismo, reconhecendo, que a Doutrina Espírita e o serviço mediúnico são essencialmente distintos entre si.

Todos os encarnados são médiuns e antigos devedores uns dos outros.

Nunca destaques um gênero de mediunidade como sendo mais valioso que outro, sabendo, no entanto, que o exercício mediúnico exige especialização para produzir mais e melhores frutos a benefício de todos.

A mediunidade existe sempre como fonte de bênçãos, desde que exercida com devotamento e humildade.

No burilamento de faculdades mediúnicas, situa a feição fenomênica no justo lugar para não te distraíres com superfluidades inconsequentes.

O aspecto menos importante da mediunidade reside no próprio fenômeno.

Relaciona-te, pois, com o fenômeno quando ele venha a surgir espontaneamente em tarefas ou reuniões que objetivem finalidades mais elevadas, que não o fenômeno em si, usando equilíbrio e critério na aceitação dos fatos.

A provocação de surpresas em matéria de mediunidade não raro gera a perturbação.

Jamais perca a esperança ou a paciência no trato natural com os nossos irmãos enfermos, especialmente quando médiuns sob influenciação inferior, para que se positive a assistência espiritual desejável.

Quem aguarda em serviço o socorro da Divina Providência, vive na diretriz de quem procura acertar.

Mobiliza compreensão, tato e paciência para equacionar os problemas que estejam subjugando os enfermos desencarnados, elucidando-os com manifesta indulgência quanto à Realidade Maior no que tange ao fenômeno da morte, ao intercâmbio mediúnico, ao corpo espiritual e a outras questões afins.

A palavra indisciplinada traumatiza quem ouve.

Analisa com prudência as comunicações dos espíritos sofredores, segundo a inspiração do amor e a segurança da lógica, aquilatando-lhes o valor pelas lições que propiciem inequivocamente a nós mesmos.

O bom senso é companheiro seguro da caridade.

Compenetra-te dos teus deveres sagrados, sabendo que o medianeiro honesto para consigo mesmo chega à desencarnação com a mediunidade gloriosa, enquanto que o medianeiro negligente atinge o rio da morte com a tortura de quem desertou da própria responsabilidade.

A mediunidade não se afasta de ninguém; é a criatura quem se distancia do mandato mediúnico que o Plano Superior lhe confere.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00883

* Bibliografia: Obsessão/Desobsessão, Suely Caldas Schubert, página 175.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 249 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 286 a 287).

O DOUTRINADOR

Esclarecer, em reunião de desobsessão, é clarear o raciocínio; é levar uma entidade desencarnada, através de uma série de reflexões, a entender determinado problema que ela traz consigo e que não consegue resolver; ou fazê-la compreender que as suas atitudes representam um problema para terceiros, com agravantes para ela mesma. É leva-la a modificar conceitos errôneos, distorcidos e cristalizados, por meio de uma lógica clara, concisa, com base na Doutrina Espírita e, sobretudo, permeada de amor.

Essa é uma das mais belas tarefas na reunião de desobsessão e que requer muita prudência, discernimento e diplomacia. Que requer, principalmente, o ascendente moral daquele que fala sobre aquele que ouve, que está sendo atendido. Esse ascendente moral faz com que as explicações dadas levem o cunho da serenidade, da energia equilibrada e da veracidade.

As palavras são como setas arremessadas, que poderão ser danosas ou benéficas, dependendo do sentimento de quem as projeta. As primeiras ferem, causam distúrbios, destroem e podem acordar sentimentos de revide, com igual teor vibratório. As segundas, vibrando na luz do amor, penetram na alma como bênçãos gratificantes, produzindo reflexos de claridade que se identificarão com o emissor.

No instante do esclarecimento, quando a entidade se comunica, ela está de alguma forma expectante, aguardando alguma coisa, para ela, imprevisível. Também os presentes à reunião se colocam em posição especial, porém, de doação, de desejo de atender à expectativa do irmão necessitado. E qualquer que seja a maneira sob a qual ele se apresente, todos os pensamentos e todas as vibrações devem estar unidos, homogêneos, dirigidos no intuito de beneficiá-lo. Nesta hora, o doutrinador será o pólo centralizador desse conjunto de emoções positivas, estabelecendo-se uma corrente magnética que envolve o comunicante e que ajuda concomitantemente, ao que esclarece. Este, recebendo ainda o influxo amoroso do mentor da reunião, terá condições de dirigir a conversação para o rumo mais acertado e que atinja o cerne da problemática que o Espírito apresenta.

O esclarecimento não se faz mostrando erudição, conhecimentos filosóficos ou doutrinários. Também não há necessidade de dar uma aula sobre o que é o Espiritismo, nem de mostrar o quanto os espíritas trabalham. Como não é o instante para criticar, censurar, acusar ou julgar. Esclarecer não é fazer sermão. Não surtirão bons resultados palavras revestidas de grande beleza, mas vazias, ocas, frias. Não atenderão às angústias e aflições daquele que sofre e muito menos abrandarão os revoltados e vingativos.

Em quaisquer dos casos, é preciso compreendamos que é quase impossível a uma pessoa mudar de procedimentos, sem que seja levada a conhecer as causas que deram origem aos seus problemas. Razão por que, em grande número de comunicações, o doutrinador, sentindo que há esta necessidade, deve aplicar as técnicas de regressão de memória no comunicante. Esta técnica consiste em leva-lo a recordar-se de fatos do seu passado, de sua última ou anterior reencarnação, despertando lembranças que jazem adormecidas. Nessas ocasiões, os Trabalhadores da Espiritualidade agem, seja acordando as reminiscências nos painéis da mente, seja formando quadros fluídicos com as cenas que evidenciem a sua própria responsabilidade perante os fatos em que se proclamava inocente e vítima.

De outras vezes, a lógica e clareza dos argumentos, aliadas à compreensão e ao amor, são o suficiente para convencer as entidades.

Para sentir aquilo que diz, é essencial ao doutrinador uma vivência que se enquadre nos princípios que procura transmitir. Assim, a sua vida diária deve ser pautada, o mais possível, dentro dos ensinamentos evangélicos e doutrinários. Inclusive, porque, os desencarnados que estão sendo atendidos, não raro, acompanham-lhes os passos para verificar o seu comportamento e se há veracidade em tudo o que fala e aconselha (não somente a ele, mas, também, aos demais integrantes da equipe. Entretanto, pela característica do trabalho que desenvolvem na reunião são muito visados). Eis o motivo pelo qual Joanna de Ângelis recomenda: “(...) quem se faz instrutor deve valorizar o ensino, aplicando-o em si próprio” (Leis Morais da Vida, cap. 60).

Outro cuidado que o doutrinador deve ter durante o diálogo é o de dosar a verdade, para não prejudicar o Espírito que veio em busca de socorro e lenitivo, esclarecimentos, enfim, que lhe deem paz. A franqueza, em certos casos, pode ser destrutiva. A verdade pode ferir àquele que não está em condições de recebe-la. É o caso, por exemplo, de uma entidade que desconhece que deixou a Terra e apresenta total despreparo para a morte. Este esclarecimento só deve ser transmitido depois de uma conversação que a prepare psicologicamente para a realidade. A medida justa para isto é colocar-se o doutrinador na posição do comunicante, vivendo o seu drama e imaginando o que seria o seu sofrimento.

(...) Há um outro ponto a se considerar a respeito dos que estão na tarefa de esclarecimento, nas sessões de desobsessão: é que estes não devem ser médiuns de incorporação, pois não teriam condições de acumular as duas funções, além de sofrerem de modo direto as influências dos obsessores, o que obviamente prejudicaria a tarefa de esclarecimento.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00923

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 96.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIX – Item 347 – Reuniões e Sociedades Espíritas – Das Reuniões em Geral – Das Sociedades Propriamente ditas – Assuntos de Estudo – Rivalidades Entre as Sociedades (Livro dos Médiuns, página 403 a 404).

DOUTRINAÇÃO DE SUICIDAS

Em “Reformador” de fevereiro de 1975, no artigo intitulado “A Doutrinação: variações sobre um tema complexo”, lembrei os preciosos esclarecimentos colhidos no livro “Memórias de um Suicida”, que devemos à abençoada mediunidade de Yvonne A. Pereira.

Tornara-se imperioso encontrar um grupo de médiuns em condições de socorrerem Espíritos de suicidas:

“Chegara a um “impasse” o processo de recuperação. A despeito do desvelo e competência dos técnicos e mentores da organização espiritual especializada no tratamento dos suicidas, um grupo deles se mantinha irredutivelmente fixo nas suas angústias. Os casos estavam distribuídos, segundo sua natureza, a três ambientes distintos: o hospital propriamente dito, o isolamento e o manicômio. Uns tantos desses, porém, “permaneciam atordoados, semi-inconscientes, imersos em lamentável estado de inércia mental, incapacitados para quaisquer aquisições facultativas de progresso”. Tornara-se, pois, urgente despertá-los para a realidade que se recusavam, mais inconsciente do que conscientemente, a enfrentar. Trata-se aqui de um conhecido mecanismo de fuga defensiva. Inseguro e temerosos diante da dor que ele sabe ser aguda, profunda e inexorável, o Espírito culpado se aliena, na esperança de pelo menos adiar o momento duro e fatal do despertamento. Em casos como esses é necessário, quase sempre, recorrer à terapêutica da mediunidade. O Espírito precisa retomar a sua marcha e o recurso empregado com maior eficácia é o do choque, a que o autor de “Memórias de um Suicida” chama de “revivescência de vibrações animalizadas”. Habituados a tais vibrações mais grosseiras, mostravam-se eles inatingíveis aos processos mais sutis de que dispõem os técnicos do Espaço. Para que fossem tocados na intimidade do ser, era preciso alcança-los “através da ação e da palavra humanas”. Como estavam, não entendiam a palavra dos mentores e nem mesmo os distinguiam visualmente, por mais que estes reduzissem o seu teor vibratório, num esforço considerável de automaterialização”.

É para esse trabalho que os mentores espirituais solicitam o concurso dos encarnados, que se torna, em muitos casos, insubstituível, como vimos. Não sabemos pois, ao iniciar uma atividade mediúnica, que tipo de tarefa nos será atribuída; podemos estar certos, não obstante, de que os orientadores espirituais do grupo somente nos trarão encargos que estejam ao nosso alcance. Sem dúvida alguma, já estudaram nossas possibilidades e intenções.

“Memórias de um Suicida” nos fala dos longos e cuidadosos preparativos, conduzidos no mundo espiritual, como preliminares à tarefa mediúnica propriamente dita. É preciso localizar um grupo que ofereça as condições de segurança e amparo de que necessitam os Espíritos transviados.

“Na Seção de Relações Externas – prossegue o mencionado artigo de “Reformador” são consultadas as indicações sobre grupos espíritas que possam oferecer as condições desejadas para o delicado trabalho”.

E mais adiante:

“Verifica-se a existência de grupos em Portugal, na Espanha e no Brasil. Decide-se por este último e, em seguida, são examinadas as **“fichas espirituais dos médiuns”** que compõem os grupos sob exame”.

Por aí se vê que os nossos grupos e os nossos médiuns se acham meticulosamente catalogados nas organizações do Espaço. Convém acrescentar que registros semelhantes – obviamente para outras finalidades – existem também nos redutos trevosos.

Por várias vezes tive a oportunidade de testemunhar pessoalmente essa realidade. Espíritos desarmonizados informaram-me que estávamos sendo rigorosamente observados e estudados. Nossos menores gestos e palavras eram como que filmados e gravados para exame e debate, mais tarde, nas cúpulas administrativas do mundo das sombras, a fim de melhor nos conhecerem e poderem planejar a estratégia a ser usada contra nós. Certa vez, um Espírito, particularmente agressivo e desesperado, dirigia-se, de quando em quando, à sua equipe invisível e recomendava: - Gravem isto!

Ou então: Gravaram aí o que ele disse?

Não alimentemos, pois, ilusões. Contamos com a ajuda e o apoio de companheiros bem esclarecidos e competentes, mas precisamos oferecer-lhes um mínimo de condições.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00926

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 114.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo VI – Item 105 – Manifestações Visuais – Perguntas Sobre as Aparições – ENSAIO TEÓRICO SOBRE AS APARIÇÕES – Espíritos Glóbulos – Teoria da Alucinação - (Livro dos Médiuns, página 126 e 127).

DEFORMAÇÕES DO PERISPÍRITO

O Perispírito é o veículo das nossas emoções. O Espírito pensa, o perispírito transmite o impulso, o corpo físico executa. Da mesma forma, as sensações que vêm de fora, recebidas através dos sentidos, são levadas ao Espírito pelos mecanismos perispirituais. É o perispírito que preside à formação do ser, funcionando como molde, a ordenar as substâncias que vão constituir o corpo físico. É nele que se gravam, como num “vídeo tape”, as nossas experiências, com suas imagens, sons e emoções. Isto se demonstra no processo de regressão da memória, espontâneo ou provocado, no qual vamos descobrir, com todo o seu impacto, cenas e emoções que pareciam diluídas pelos milênios. É ele, pois, a nossa ficha de identidade, com o registro intacto da vida pregressa, a nossa folha corrida, o nosso prontuário.

Ele é denso, enquanto caminhamos pelos escuros caminhos de muitos enganos, e vai-se ornando cada vez mais diáfano, à medida que vamos galgando estágios mais avançados na escalada evolutiva. É nele, portanto que se gravam alegrias e conquistas, tanto quanto as dores. Mas, como tudo no universo obedece à lei irrevogável da sintonia vibratória, parece que, ao nos desfazermos dos fluidos mais pesados e escuros, que envolvem o nosso perispírito, nos primeiros estágios evolutivos, vamos também nos libertando das mazelas que naqueles fluidos se fixavam, ou seja, vamos nos purificando. Seria quase inadmissível a deformação perispiritual num ser de elevada condição moral. É, no entanto, muito comum naqueles que se acham ainda tateando nas sombras de suas paixões, e os trabalhadores da desobsessão encontram fatos dramáticos dessa natureza, a cada passo.

Muitos casos desse tipo tenho presenciado, desde pequenos cacoetes, ou apenas sensações quase físicas, até deformações e mutilações terríveis, culminando com as mais dolorosas ocorrências de zoantropia (é uma variedade de monomania em que o doente se julga convertido em animal).

(...) Encontramos, na prática mediúnica, inúmeros exemplos aflitivos de desequilíbrio perispiritual.

Um antigo sacristão português, desencarnado, era recompensado, pela tarefa de lançar discórdias, com abundantes “refeições”, regadas a bom “vinho” de sua terra.

Um ex-oficial nazista, que não se identificou, mostrou-se desesperado de fome. Renunciou a toda a arrogância, com que a princípio se apresentou, e humilhou-se, para pedir-nos, em voz baixa, para que ninguém o ouvisse, um simples pedaço de pão.

Tivemos casos de deformações “físicas”, com a daquele irmão atormentado que trazia o braço paralítico. Quando me ofereci para curá-lo com um passe, ele declarou que, assim, teria mais um braço para brandir o chicote com que castigava suas vítimas.

De outras vezes, apresentaram-se pobres infelizes, que não podiam expressar-se senão por gestos, porque a língua lhes tinha sido extirpada. Um destes, depois de reconstituída a sua condição, em vez de agradecer a Deus o benefício que acabava de receber, declarou que se vingaria daquele que, em antiga existência, mandara mutilá-lo. Foi-lhe mostrado, então, que, em existência anterior àquela, ele próprio mandara corar a língua daquele mesmo que, depois, ordenou a sua mutilação. Nem assim ele se deu por achado: aquele a quem ele privara da língua não passava de um cão, pois era um mero escravo... Havia, porém chegado a sua vez, e ele, não resistindo à realidade, entrou numa crise de arrependimento que o salvou.

Um dos casos mais dramáticos que presenciei foi o de um companheiro que havia sido reduzido, por métodos implacáveis de hipnose, à condição de um fauno. Estava de tal maneira preso à sua indução, que não podia falar, pois um fauno não fala. A despeito de tudo, porém, acabou falando inteligivelmente, para enorme surpresa sua. Fazendo o médium exibir suas mãos dissera: - Veja. Não tenho mãos, e sim cascos.

Estivera mergulhado, por séculos a fio, num tenebroso antro, onde conviveu, sob as mais abjetas condições subumanas, com outros seres reduzidos a condições semelhantes à sua, e que nem mais se conscientizavam de terem sido criaturas racionais. Fora também um poderoso, aí pelo século XV, na Alemanha, e deve ter cometido erros espantosos.

Um dos companheiros do grupo forneceu-nos recursos ectoplasmáticos e, com nossos passes e o apoio que obtivemos através da prece, foi possível restituir-lhe a forma perispiritual de ser humano. Alcançado esse ponto, um dos benfeitores presentes informou-nos do seu nome, pois ele não sabia quem era. Retomada a sua identidade, caiu numa crise de choro comovedora e teve um impulso de generosidade, lamentando não ter condições de volver sobre seus passos, para salvar os companheiros que continuavam retidos nas medonhas masmorras de onde conseguiram resgatá-lo.

Tivemos, certa ocasião, um doloroso caso de licantropia. Ao apresentar-se, incorporado no médium, o Espírito não consegue articular nenhuma palavra. Inteiramente animalizado, sabe apenas rosnar, esforçando-se por me morder. Embora o médium se mantenha sentado, ele investe contra mim, procurando atingir-me com as mãos, dobradas, como se fossem patas; de vez em quando, ameaça outro componente do grupo.

(...) Como ele não tinha condições de falar, falei eu, tentando convencê-lo de que era um ser humano, e não um animal. A conversa foi longa e difícil. Sabia que, diretamente, ele ainda não tinha possibilidade de entender com clareza as palavras que eu dizia, mas estava certo de que, aos poucos, se tornaria sensível às vibrações de carinho e compreensão que sustentavam aquelas palavras. Falei-lhe, pois, continuamente, por longo tempo, procurando desimantá-lo do seu terrível condicionamento. Repetia-lhe que era um ser humano e não um animal; que tinha mãos, e não patas, unhas e não garras. (...) Mantive calma inalterada, a despeito da profunda e dolorosa compaixão, e da ternura que sentia por ele. (...) Não podíamos esquecer, por um minuto, que ele não era um animal irracional, mas uma criatura humana, que se tornou temporariamente irracional, em decorrência do seu terrível comprometimento ante as leis divinas. Tínhamos que falar a ele como a um irmão em crise, não a um lobo feroz.

(...) Insistimos nos passes, e, ao cabo de muito tempo, ele pareceu ter readquirido a forma humana e começou a “conferir” suas mãos, o rosto, o corpo, mas ainda não conseguia enxergar: passou as mãos diante dos olhos, para testar. De pé, ao lado do médium, orei fervorosamente, com uma das mãos sobre os seus olhos e a outra na nuca. (...) O ambiente estava tenso de emoção e do desejo de servi-lo, e creio que, por isso, realizou-se, mais uma vez, o suave milagre do amor. Ele começou a perceber os objetos, pela visão, e voltou a conferir tudo na sala, como se estivesse colocando juntas, pela primeira vez, em muito tempo (séculos, talvez) as sensações do tato e da visão. O trabalho todo durou uma hora.

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00927

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 119.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo VI – Item 100 – Manifestações Visuais – PERGUNTAS SOBRE AS APARIÇÕES – Ensaio Teórico sobre as Aparições – Espíritos Glóbulos – Teoria da Alucinação - (Livro dos Médiuns, página 114 a 123.

RESGATE: A VONTADE SOBERANA DE DEUS

Como pode uma criatura humana ser reduzida a uma condição como essa? (licantropia e zoantropia). É evidente que ainda não dispomos de conhecimentos suficientes para apreender o fenômeno em todas as suas implicações e pormenores, mas a Doutrina Espírita nos oferece alguns dados que nos permitem entrever a estrutura básica do processo. A gênese desse processo é, obviamente, a culpa. Somente nos expomos ao resgate, pela dor ou pelo amor, na medida em que erramos. A extensão do resgate e sua profundidade guardam precisa relação com a gravidade da falta cometida, pois a lei não cobra senão o necessário para o reajuste e o reequilíbrio das forças universais desrespeitadas pelo nosso livre-arbítrio. Somos livres para errar e somos forçados a resgatar. Não há como fugir a esse esquema, do qual não nos livra nem mesmo a trégua com que somos beneficiados ao renascer. É exatamente para que tenhamos a iniciativa da correção, espontânea, que a lei nos proporciona o benefício do esquecimento e nos concede a oportunidade do recomeço em cada vida, como se nascêssemos puros, sem faltas e sem passado. Não podemos, no entanto, esquecer que o passado está em nós, nos registros indeléveis do perispírito, determinando todos os nossos condicionamentos, os bons e os outros.

Por conseguinte, a falta cria em nós o “molde” necessário ao resgate. Disso se valem, com extrema habilidade e competência, nossos adversários espirituais, aqueles a quem infligimos dores e penas atrozes num passado recente ou remoto. Muitos são os que agem pessoalmente contra nós, outros, porém, valem-se de organizações poderosas, onde a divisão do trabalho nefando ficou como que racionalizada, tantas são as especializações lamentáveis. Realiza-se, então, uma troca de favores, através de contratos, acordos, pactos e arranjos de toda sorte, em que a vítima do passado – esquecida de que foi vítima precisamente porque também errou – associa-se a alguém que possa exercer por ela requintes de vingança.

Entra em cena, aí, a fria equipe das trevas. Se o caso comporta, digamos, a “solução” da deformação perispiritual, é encaminhado a competentes manipuladores da hipnose e do magnetismo, que imediatamente se aproximarão de suas vítimas, contra as quais nada têm, às vezes, pessoalmente, iniciando o trabalho no campo fértil do endividamento de cada um. Quem não deve à lei de Deus?

É claro que o hipnotizador, ou o magnetizador, não pode moldar, à sua vontade, o perispírito da sua vítima, mas ele sabe como movimentar forças naturais e os dispositivos mentais, de forma que o Espírito, manipulado com perícia, acaba por aceitar as sugestões e promover, no seu corpo perispiritual, as deformações e condicionamentos induzidos pelo operador das trevas, que funciona como agente de vingança, por conta própria ou alheia. Nessas condições, a vítima acaba por assumir formas grotescas, perde o uso da palavra, assume as atitudes e as reações típicas dos animais e é segregado, por tempo imprevisível, de todo o convívio com criaturas humanas normais e equilibradas. Em antros diante dos quais o inferno é uma tosca e apagada imagem, imperam o terror, a alienação mais dolorosa, a angústia mais terrível, as condições mais abjetas. Nessas furnas de dor superlativa, criaturas que, às vezes, ocuparam na Terra elevadas posições, resgatam crimes tenebrosos, que entre os homens permaneceram impunes.

O trabalho de resgate desses pobres irmãos, que chegam até a perder a consciência da sua própria identidade, é tão difícil quão doloroso, e jamais poderá ser feito sem a mais ampla cobertura espiritual. Além da dor que experimentamos ao presenciar tão espantosa aflição, estejamos certos de que a audácia de socorrer tais irmãos desata sobre os grupos que a manifestam toda a cólera das organizações que os subjugam. Aliás, esse é um recurso de que se utilizam os trabalhadores do bem, para desalojar de seus redutos os verdadeiros responsáveis por essas atrocidades inomináveis. Furiosos pela temeridade dos seareiros do Cristo, eles se voltam contra o grupo mediúnico, que precisa estar preparado, resguardado na prece e em imaculada pureza de intenções. É essa, às vezes, a única maneira de trazê-los à doutrinação e à tentativa de entendimento. Esteja, porém, o grupo, atento e preparado para recebe-los, porque eles virão realmente fora de si, transtornados de ódio, ante o atrevimento daqueles que ousam provoca-los. Eles precisam “lavar a sua honra”, recuperar o prestígio perante seus comandados e impor castigo exemplar ao grupo que teve a insensata ousadia de exasperá-los. Os casos mais graves de deformação perispirituais, como a zoantropia, em geral e a licantropia, em particular, são relativamente raros, consideradas as incontáveis multidões de seres aprisionados nas trevas pelas suas aflições íntimas. Eles constituem importantes figuras, no tenebroso xadrez das trevas, e são guardados a sete chaves e defendidos com unhas e dentes, como tivemos oportunidade de verificar pessoalmente, numa excursão a essas furnas da dor. Chegado, porém, o momento do resgate, não há defesa que consiga resistir à vontade soberana de Deus, e os trabalhadores humildes da seara do Cristo conseguem trazê-los, nos braços amorosos, para a expectativa da libertação. A promissória maior está paga, e é preciso começar a reconstrução interior, pedra por pedra, com os escombros de um passado calamitoso. Geralmente, como vimos, são Espíritos de consideráveis cabedais e possibilidades, que se transviaram muito gravemente. Eles têm condições de retomar a trilha evolutiva, embora ainda com muitos erros a resgatar. Recebem de volta a consciência de sua própria identidade e recomeçam o aprendizado. São usualmente recolhidos a instituições especializadas, onde vai realizar-se a tarefa do descondicionamento. É novamente a hora de inúmeros especialistas: médicos da alma, cirurgiões do perispírito, profundos conhecedores da biologia transcendental e das complexidades da mente. Comparecem planejadores, doutrinadores, médiuns, magnetizadores, para reconstruir, com amor, o que foi destruído com ódio, pelos planejadores, doutrinadores, médiuns e magnetizadores das trevas. As forças são as mesmas, os mecanismos são idênticos, os recursos são semelhantes, somente a direção é que muda, invertendo-se os sinais da operação, pois quase sempre os dedicados operadores que nos ajudam a reconstruir o Espírito, arrasado pela dor do resgate, são aqueles mesmos que, em épocas remotas, utilizaram-se dos seus conhecimentos para oprimir, para impor angústias e aflições, em nome de incontroladas ambições pessoais. O conhecimento ficou, porque os arquivos da alma são permanentes, mas mudou a motivação, e o que antes feria, agora quer curar. Se antes conseguia realizar tanta coisa espantosa, trabalhando ao arrepio das leis divinas, sem a sustentação dos poderes da Luz, que não conseguirá agora, ao voltar-se para o lado bom da vida, onde conta com o apoio de seus irmãos maiores?

CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00928

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 147.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

A VINGANÇA

É extremamente complexo o processo da vingança. De certa forma, a lei universal nos proporciona os elementos para exercê-la, porque, com sua falta contra nós, aquele que nos feriu colocou-se à mercê da reparação, quase sempre dolorosa. E, por isso, o vingador sente-se um instrumento de justiça divina, com todo o direito de exerce-la, esquecido de que está reassumindo um compromisso que, em parte, havia resgatado pela própria aflição que procura punir a seu modo. Por outro lado, ao mesmo tempo em que ele se vinga, o ofensor libera-se pela dor, e acaba, ao longo do tempo, por situar-se fora de seu alcance, enquanto ele o perseguidor, continua preso à sua problemática e, portanto, às suas angústias, com um passivo enorme de faltas ainda por resgatar.

Ao vingar-se, ele reabre o ciclo da culpa e expõe-se, por sua vez, novamente à lei, que se voltará contra ele, alhures no tempo e no espaço.

Se conseguirmos convencer o vingador da lógica férrea desse mecanismo, estaremos em condições de ajuda-lo a libertar-se; caso contrário, ele seguirá escravo da sua própria vingança, de vez que o livre-arbítrio, que lhe faculta a decisão de agir, responde do mesmo modo, pelas consequências amargas e inelutáveis que provoca. Não há outras opções: ou ele perdoa e segue à frente, ou insiste em cobrar, e demora-se nas sombras do sofrimento.

Consideramos diferentemente o obsessor e o vingador. Embora tenham muito em comum, nos seus métodos de ação e no que poderíamos chamar de sua filosofia, eles diferem sutilmente: obsessão, muitas vezes é vingança, mas a vingança não é, necessariamente, um processo obsessivo. Não sei se me faço entender. O Espírito pode vingar-se longa e demoradamente, sem desencadear obsessões à sua vítima, empenhando-se apenas em criar-lhe dificuldades e dores, angústias e frustrações É que o Espírito, encarnado e desencarnado, que sofre um processo vingativo, está, de certa forma, à mercê de seu algoz, porque ao errar expôs-se ao reajuste; mas, mesmo devendo, perante a lei desrespeitada, poderá estar a salvo da obsessão em si mesma. Assistimos, às vezes, à vingança indireta. Sem poderem, por qualquer razão, atingir a vítima visada, os “cobradores” alcançam-na fazendo sofrer aqueles que a cercam e que, por suas falhas pessoais e por suas conexões espirituais com a vítima, são impiedosamente sacrificadas ao ódio.

De um pobre irmão, envolvido em antiquíssima trama vingativa, alguém ouviu dizer, certa vez:

- Sou o responsável por todas as dores que os teus vêm sofrendo há muito tempo...

Isto não quer dizer que a vítima indireta seja invulnerável ou inatingível, pela santificação; é que, empenhada em sincero e honesto processo de recuperação, dedicado à prece, ao serviço ao próximo, à melhora íntima, coloca-se sob a proteção da própria lei divina, que lhe concede um crédito de confiança, pois as culpas são resgatadas também através do amor e não apenas da dor...

Atenção, porém, para um pormenor, isto não significa que sofram os justos pelos devedores, nem os pais pelos filhos, ou a esposa pelo marido. Não há sofrimento inocente na justiça divina. O que acontece, nesses casos, é que o vingador atinge a vítima (que se colocou fora do seu alcance) através daqueles que lhe são caros, mas que também se acham em débito perante a lei, por motivos outros.